



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**ISABEL CRISTINA ABREU CUNHA**

**Caminhos para o discipulado em Mc 14,32-42**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor João Alberto Correia

**Braga**  
**2017**

*In Memoriam*

Padre António Cachadinha Alves (1931 – 2016)

# Índice

RESUMO/ABSTRACT.....	4
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	5
INTRODUÇÃO .....	6
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DO TEXTO .....	9
<b>1. Circunstâncias geográficas, histórico-políticas, culturais e religiosas .....</b>	<b>9</b>
<b>2. Génese do evangelho de Marcos .....</b>	<b>16</b>
CAPÍTULO II – O TEXTO: MC 14,32-42 .....	21
<b>1. Texto grego .....</b>	<b>22</b>
<b>2. Tradução do texto .....</b>	<b>23</b>
<b>3. Características textuais do evangelho de Marcos .....</b>	<b>24</b>
<b>4. Delimitação narrativa.....</b>	<b>26</b>
<i>4.1. Contexto amplo de Mc 14,32-42.....</i>	<i>26</i>
<i>4.2. Contexto imediato de Mc 14,32-42.....</i>	<i>32</i>
<b>5. Estrutura narrativa de Mc 14,32-42 .....</b>	<b>37</b>
<b>6. Análise literária.....</b>	<b>39</b>
<i>6.1. Personagens.....</i>	<i>39</i>
6.1.1. Jesus.....	40
6.1.2. Discípulos .....	44
<i>6.2. Espaço-temporal.....</i>	<i>48</i>
6.2.1. Marcas espaciais .....	48
6.2.2. Marcas temporais.....	51
<b>7. Compêndio dos relatos neotestamentários da “oração no Getsémani” .....</b>	<b>53</b>

CAPÍTULO III – CAMINHOS PARA O DISCIPULADO EM MARCOS.....	60
<b>1. O caminho discipular no evangelho de Marcos</b> .....	61
<b>2. Perfil do discípulo a partir de Mc 14,32-42</b> .....	73
2.1. <i>Oração</i> .....	75
2.2. <i>Confiança</i> .....	79
2.3. <i>Vigilância</i> .....	83
<b>CONCLUSÃO</b> .....	87
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	93

## RESUMO

A perícopre de Mc 14,32-42 – a oração de Jesus no Getsémani –, coloca o leitor diante de duas figuras paradoxalmente opostas: Jesus e os seus discípulos. Enquanto um vigia e ora, os outros deixam-se adormecer. Esta sonolência dos discípulos espelha a incapacidade de se manterem fiéis ao caminho da cruz. O seu fracasso e dificuldades podem oferecer ao leitor do evangelho uma oportunidade de reflexão sobre a sua própria vida discipular. Este trabalho, que não pretende de forma alguma descredibilizar o grupo dos Doze, mas apontar outros caminhos possíveis para o seguimento de Cristo, procura elaborar um perfil do discípulo à luz da pessoa de Jesus de Nazaré e das suas atitudes-chave durante este relato, a saber: a oração, a confiança e a vigilância.

**Palavras-chave:** Mc 14,32-42; Getsémani; Jesus; discipulado; caminho; oração; confiança; vigilância.

## ABSTRACT

Mark's passage 14:32-42 - Jesus' prayer in Gethsemane - places the reader before two paradoxically opposed figures: Jesus and his disciples. As one is watching and praying, the others fall asleep. This drowsiness of the disciples mirrors the inability to remain faithful to the way of the cross. Their failures and difficulties may offer an opportunity for the reader of the gospel to reflect on his own discipling life. This work, which does not intend to discredit the group of Twelve, point's out other possible paths to follow-up Christ, trying to elaborate a profile of the disciple in the light of the person of Jesus of Nazareth and his key attitudes during this account, that is: prayer, trust and vigilance.

**Keywords:** Mc 14,32-42; Gethsemane; Jesus; discipleship; path; prayer; trust; vigilance.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

### Antigo Testamento

<b>Gn</b>	Génesis
<b>Ex</b>	Êxodo
<b>Lv</b>	Levítico
<b>Dt</b>	Deuteronómio
<b>2 Sm</b>	2.º Samuel
<b>1 Rs</b>	1.º Reis
<b>2 Rs</b>	2.º Reis
<b>1 Cr</b>	1.º Crónicas
<b>Ne</b>	Neemias
<b>Sl</b>	Salmos
<b>Is</b>	Isaías
<b>Jr</b>	Jeremias
<b>Zc</b>	Zacarias

### Novo Testamento

<b>Mt</b>	Mateus
<b>Mc</b>	Marcos
<b>Lc</b>	Lucas
<b>Jo</b>	João
<b>Act</b>	Actos dos Apóstolos
<b>Rm</b>	Romanos
<b>2 Tm</b>	2.ª Timóteo
<b>Flm</b>	Filémon
<b>Heb</b>	Hebreus
<b>1 Pe</b>	1.ª Pedro

### Outras

<b>a. C.</b>	antes de Cristo
<b>AA. Vv.</b>	autores vários
<b>AT</b>	Antigo Testamento
<b>caps.</b>	Capítulos
<b>cf.</b>	Conferir
<b>col.</b>	Coluna
<b>d. C.</b>	depois de Cristo
<b>NT</b>	Novo Testamento
<b>p.</b>	Página
<b>pp.</b>	Páginas
<b>s/d</b>	sem data
<b>s/l</b>	sem lugar
<b>v.</b>	Versículo
<b>vol.</b>	Volume
<b>vv.</b>	Versículos

## INTRODUÇÃO

Diante da possibilidade algo inesperada de elaborar a dissertação final deste ciclo de estudos em Teologia no âmbito da teologia bíblica e após serem propostos alguns textos neotestamentários, a nossa escolha recaiu sobre a perícopre de Mc 14,32-42, vulgarmente mencionada como a *oração de Jesus no Getsémani*. Esta decisão não foi alvo de reflexão ou análise particularmente extensas, tratou-se sim de uma resolução quase instintiva e fruto de um gosto muito particular e já antigo pelos relatos evangélicos que retratam a figura de Jesus de Nazaré na sua dimensão mais frágil e terrena.

Efectivamente, a Tradição confere a esta cena, no Getsémani, um lugar privilegiado na discussão sobre as duas naturezas de Cristo, onde neste caso é por demais evidente a sua vontade humana. Este era exactamente o motivo que nos provocava grande fascínio e que nos levou à escolha da perícopre, que se encontra também reproduzida nos evangelhos de Mateus e de Lucas (cf. Mt 26,36-46; Lc 22,39-46). A opção por Marcos resulta da preferência pela simplicidade e crueza manifestas no seu texto e do conhecimento da sua precedência em relação aos outros evangelhos.

Contudo, ao avançarmos nas leituras preliminares para este estudo, depressa ficou a descoberto uma outra extensão presente no texto e que diz respeito à figura dos discípulos. Apesar da evidente centralidade de Jesus, a presença dos discípulos não passa despercebida. Dessa forma, abriu-se para nós uma nova possibilidade, até então completamente desconhecida, de abordar o texto da oração no Getsémani a partir da actuação do grupo dos discípulos de Jesus. Esta possibilidade tornou-se ainda mais firme após a leitura da obra *El camino del discípulo* do teólogo castelhano Santiago

Guijarro Oporto adiante citada, que nos despertou para o valor e a riqueza que o tema do discipulado em Marcos traz em si.

Aos poucos o nosso itinerário para este estudo foi-se delineando e assumindo, até chegarmos aos objectivos específicos que nos propomos agora atingir. Além da análise textual do relato de Mc 14,32-42, que nos ajudará na compreensão e envolvimento com o texto bíblico, procuraremos percorrer o caminho dos próprios discípulos ao longo de todo o evangelho, ainda que de forma muito genérica devido à necessidade de síntese e limitação próprias num trabalho desta natureza. Por fim, propomo-nos traçar um perfil ou modelo de discipulado que seja actual e relevante em qualquer tempo e lugar da história do cristianismo, evidenciando para tal algumas das atitudes indissociáveis à condição do discípulo, a partir da perícopé estudada e de outros dados do evangelho marcano.

Quanto à estrutura do trabalho, entendemos organizá-la e dividi-la em três partes. No primeiro capítulo, tentaremos apresentar um conjunto de breves indicações geográficas, histórico-políticas, culturais e religiosas, que nos permitem situar não só o relato em estudo e o *background* específico dos discípulos, como também a realidade onde posteriormente nasce o texto de Marcos.

No segundo capítulo, concentrar-nos-emos no texto de Mc 14,32-42, procurando explorar a sua composição e possíveis enredamentos. Para isso, iremos deter-nos na versão primitiva do relato em grego e lançar-nos na análise dos seus conteúdos e elementos narrativos. Neste ponto, teremos por base o método da análise narrativa, ainda que não o apliquemos completamente, visto que neste nível de estudos não temos as ferramentas nem a capacidade para realizar esse tipo de análise tão exigente. Reconhecemos, assim, os claros limites do nosso trabalho no âmbito da exegese bíblica, que tentaremos colmatar, apoiando-nos e seguindo de muito perto principalmente dois

comentários aos relatos da Paixão: *La Muerte del Mesías* de Raymond E. Brown e *Los relatos evangélicos de la Pasión* de Bruno Maggioni.

Por fim, o terceiro capítulo, para onde conflui todo o trabalho realizado, iniciará com a exposição do tema do discipulado e seguimento ao longo do evangelho de Marcos. Em seguida, e como conclusão do nosso estudo, elaboraremos o esboço já referido do perfil e das atitudes próprias do discípulo, propostas pelo relato que estudamos. Este ponto pretende trazer o texto bíblico para as nossas vidas, sendo uma proposta para todos os crentes e comunidades cristãs de como encarnar e viver de forma mais plena o papel de discípulos, dispostos a imitar e seguir os passos do Mestre.

# CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DO TEXTO

## 1. Circunstâncias geográficas, histórico-políticas, culturais e religiosas

Ao iniciar este trabalho, parece-nos necessário tecer algumas considerações ao nível do contexto geográfico, histórico, cultural e religioso que poderão ajudar-nos a melhor compreender e enquadrar o relato de Mc 14,32-42, assim como o evangelho de Marcos no seu todo. O objectivo é fornecer e clarificar alguns dados que nos permitirão uma compreensão mais abrangente do contexto em que esta narrativa acontece e, conseqüentemente, um entendimento mais profundo do relato em estudo.

Importa, num primeiro momento, situarmo-nos geograficamente<sup>1</sup>. O relato acima citado transporta-nos para um lugar chamado Getsémani<sup>2</sup>, uma



Mapa 1: Jerusalém na época de Jesus

<sup>1</sup> Mapa 1 retirado de Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, ed. Herder, Barcelona 1967, p. 23.

<sup>2</sup> Getsémani deriva do termo aramaico «gat š'mānî», isto é, lagar de azeite. Cf. W. SCHENK, «Γεθσημανί» in Horst BALZ e Gerhard SCHNEIDER (eds.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. I, ed. Sígueme, Salamanca 2005<sup>3a</sup>, p. 722.

«porção da encosta do Monte das Oliveiras [onde se encontrava] uma quinta com um lagar»<sup>3</sup> para espremer as azeitonas. O Monte das Oliveiras faz parte da tríade montanhosa (Monte Scopus ou da Visão, Monte das Oliveiras e Monte do Escândalo) que cerca a cidade de Jerusalém<sup>4</sup>, sendo, neste caso, o monte a oriente da mesma e um ponto de passagem para os transeuntes que chegavam da estrada de Jericó e do deserto que a mesma atravessa.

Como referimos, o local do relato em questão está próximo da cidade de Jerusalém, capital da Judeia, uma das três províncias<sup>5</sup> em que no tempo de Jesus se dividia a Palestina<sup>6</sup> e que compreendia o território das antigas tribos de Judá, Benjamim, Dan, Simeão e uma parte de Efraim, prolongando-se pela costa até ao Monte Carmelo<sup>7</sup>.



Mapa 2: A Palestina no tempo de Jesus

Esta região, situada no centro do corredor sírio-palestiniano, é ponto central nas transacções entre a região mesopotâmica, o mar Mediterrâneo, a Anatólia e o Egipto. A

<sup>3</sup> Gerhard KROLL, *Auf den Spuren Jesu*, St. Benno, Leipzig 1975<sup>5</sup>, p. 410 *apud* Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, ed. Príncipia, Cascais 2011, pp. 125-126.

<sup>4</sup> Cf. João Duarte LOURENÇO, *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*, ed. Universidade Católica, s/l 2008, p. 144.

<sup>5</sup> De Norte para Sul: Galileia, Samaria e Judeia.

<sup>6</sup> Mapa 2 retirado de Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 3.

<sup>7</sup> Cf. António Augusto TAVARES, «Judeia» in João Bigotte CHORÃO (dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XVI, ed. Verbo, Lisboa 2000, col. 1049.

sua privilegiada posição geográfica foi alvo do desejo de inúmeros soberanos e impérios, nomeadamente o assírio, o babilónico, o grego e, no período neotestamentário, o romano. Por conseguinte, tratava-se de um local privilegiado de confluência linguística, cultural e económica.

Passamos agora para a apresentação de algumas coordenadas históricas acerca da ocupação romana na Judeia<sup>8</sup> e das consequências socioculturais e religiosas que daí se seguem, visto que os acontecimentos principais da vida de Jesus e da Igreja primitiva têm ligação directa com eventos resultantes do domínio imperial romano.

Em meados do séc. II a. C., desencadeia-se na Judeia, até então sob o domínio helenístico, uma revolta promovida pelos Macabeus (chefiados por Matatias), que defendiam as tradições judaicas e se debatiam contra a opressão dos gregos. Com a ajuda de Roma e de Esparta, Simão Macabeu é proclamado chefe dos judeus em 140 a. C., dando assim início à dinastia dos asmoneus e obtendo dessa forma a independência face aos selêucidas da Síria. Durante o seu reinado e o do seu filho João Hircano (134-105 a. C.), a Judeia expandiu o seu território e domínio sobre algumas cidades importantes da região, como a Samaria e Siquém.

Porém, Hircano procurou também consolidar a cultura helenística, política esta seguida consecutivamente pelos seus sucessores, dos quais se destaca Alexandre Janeu (103-76 a. C.). Os judeus tomaram então consciência de que para os seus governantes era mais importante a política do que a defesa das suas tradições religiosas e, por esta razão, começam a formar-se, dentro da sociedade judaica, diversos grupos religiosos e

---

<sup>8</sup> Neste ponto, apesar da diversa bibliografia existente, seleccionámos e seguimos de perto as obras: João Duarte LOURENÇO, *O mundo judaico em que Jesus viveu. Cultura Judaica do Novo Testamento*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2005 e Giuseppe SEGALLA, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, ed. Queriniana, Brescia 1996<sup>4\*</sup>.

políticos (dissidentes de Qumran, fariseus, saduceus, etc.)<sup>9</sup>, levando a cisões irreconciliáveis no seio do povo judeu. Além da imposição da cultura helenística, os governantes asmoneus concentraram na figura régia tanto o poder civil como o poder religioso, chamando também a si o título de sumo-sacerdote. Esta situação nunca foi aceite por alguns grupos judaicos, o que contribuiu ainda mais para a decadência das instituições religiosas judaicas e para o agravamento das tensões entre as várias facções do judaísmo.

Na sequência de uma disputa de poder entre os dois filhos de Alexandre Janeu, Hircano e Aristóbulo, as legiões romanas, lideradas por Pompeu, intervêm militarmente na região (63 a. C.) alegando que a instabilidade aí existente ameaçava o seu domínio sobre a Síria. Uma parte do povo judeu viu com bons olhos esta intervenção, pois considerava os romanos como pacificadores e uma preciosa ajuda para deter as guerras internas que se tornavam cada vez mais sangrentas.

Os romanos tomaram então partido por Hircano, confirmando-o como sumo-sacerdote e etnarca da Galileia, da Judeia e da Pereia, enquanto o seu irmão Aristóbulo foi preso e levado para cativo em Roma. «O Estado judaico subsistira, como vassalo de Roma, pagando tributo»<sup>10</sup> e, por algum tempo, essa situação manteve-se, mas logo Roma teve de encontrar novas alternativas de governação para o povo judeu, pois Aristóbulo e os seus filhos, fugindo da prisão, voltaram à Palestina e as guerras recomeçaram.

É precisamente no contexto desta «complexa situação social e política que emerge uma figura que ocupará a cena política da Palestina na parte final do séc. I a. C.

---

<sup>9</sup> A questão dos grupos religiosos e políticos da Palestina não é por nós aqui desenvolvida, uma vez que, para a passagem que pretendemos estudar neste trabalho, ela não é relevante. Para informações mais detalhadas sobre este assunto, pode ver-se, por exemplo, Giuseppe SEGALLA, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, pp. 82-102.

<sup>10</sup> Daniel-ROPS, *A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus*, ed. Livros do Brasil, Lisboa s/d, p. 69.

e cujos descendentes deixaram uma marca muito forte no NT»<sup>11</sup>: Herodes, o Grande. Apesar de conhecido pelo seu despotismo sanguinário, reinou por mais de trinta anos (37-4 a. C.), restabelecendo não só a paz na região, cessando as lutas internas que dividiam os diversos grupos judaicos, mas também reprimindo os invasores estrangeiros. Desenvolveu ainda um programa de grandes construções (teatros, palácios, fortalezas, etc.), das quais se destaca a reconstrução do templo de Jerusalém iniciada em 20-19 a. C.. Tratava-se de uma estratégia política para iludir o povo e aliená-lo da sua verdadeira condição de servidão – o tão característico *panem et circenses* romano.

De uma forma genérica, a dominação romana concedia aos judeus certas regalias, principalmente no âmbito religioso, uma vez que estes «estavam dispensados do culto ao Imperador, que era obrigatório em todo o lado»<sup>12</sup>. A administração romana não introduzia estandartes ou insígnias do império em Jerusalém e as moedas que circulavam não tinham nenhum busto de monarcas, políticos ou personalidades romanas<sup>13</sup>. A família imperial chegava mesmo a enviar presentes para o Templo e mandava aí oferecer sacrifícios diários. De facto, «a única interferência no culto era a nomeação do sumo-sacerdote, que era da escolha do governador»<sup>14</sup>. Esta benevolência resultava da consciência romana acerca das especificidades do povo judeu e a dificuldade de o subjugar advinha de uma certa propensão à rebeldia e desprezo pelas interferências estrangeiras que o caracterizava.

Entre o povo judeu havia pois um clima de descontentamento e hostilidade para com a força invasora. A razão mais óbvia para esta insatisfação eram os impostos a que o povo judeu estava sujeito. Além dos impostos religiosos do Templo, acrescia o tributo

---

<sup>11</sup> João Duarte LOURENÇO, *O mundo judaico em que Jesus viveu. Cultura Judaica do Novo Testamento*, pp. 38-39.

<sup>12</sup> Daniel-ROPS, *A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus*, p. 86.

<sup>13</sup> Cf. Giuseppe SEGALLA, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, p. 62.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

imperial, que não beneficiava apenas Roma, mas também os cobradores de impostos – os publicanos –, que enriqueciam à custa do dinheiro dos contribuintes. «Os Judeus indignavam-se que todo esse dinheiro fosse para o fisco»<sup>15</sup> e, por isso, estava latente entre eles um sentimento muito forte de injustiça e de revolta contra os poderes que dominavam a estrutura socioeconómica.

Um outro factor que contribuía para este clima hostil era o recenseamento enquanto medida «que a administração romana tomava para estabelecer bem a sua autoridade e os impostos»<sup>16</sup>. Mais do que qualquer outra coisa, o recenseamento era sentido como sinal de sujeição impotente face à força invasora. Os judeus não conseguiam tolerar serem tratados como meros números, serem organizados e catalogados de acordo com a vontade de Roma. Não podiam tolerar isso, uma vez que se consideravam o povo eleito e se negavam a atentar contra Deus<sup>17</sup>.

No fundo, os judeus não suportavam a ideia de «não serem senhores do seu destino, de estarem submetidos a dominadores estrangeiros»<sup>18</sup>; o seu orgulho nacionalista não se adequava com a servidão e a condição de vassalagem. Ademais, podemos encontrar no foro religioso algumas causas para esta aversão à dominação por forças externas: o povo judeu encarava os estrangeiros com grande desprezo e hostilidade, pois personificavam a impiedade, a impureza e o paganismo. Yahvé era o único Deus e Senhor, daí que fosse inadmissível para um judeu reconhecer e sujeitar-se à autoridade dos homens, principalmente dos estrangeiros pagãos.

---

<sup>15</sup> Daniel-ROPS, *A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus*, p. 86.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 87.

<sup>17</sup> Cf. 1 Cr 21,1-17; 2 Sm 24,1-17: Para os judeus o recenseamento era obra de Satanás e representava uma ofensa a Iahweh, que já havia sido perpetrada por David e da qual resultou o flagelo e a punição divina. O recenseamento era visto como pecado, porque atingia as prerrogativas divinas, do Deus que detém o poder sobre a vida e a morte. Por outro lado, o recenseamento, quando efectuado, obrigava à oferta de um tributo a Deus (cf. Ex 30,11-16).

<sup>18</sup> Daniel-ROPS, *A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus*, p. 87.

Reunidos estes pressupostos, é natural que surjam, um pouco por toda a Palestina e em diversas ocasiões, ecos de frustração e revolta contra a ocupação romana. Em quase todo o povo judeu, de forma mais ou menos latente, persiste o sentimento de esgotamento face a esta situação e, por conseguinte, persiste igualmente o sentimento da esperança na libertação. Tal como Deus enviou Moisés para libertar o povo da escravidão do Egipto, também agora Ele enviaria o Messias, «rei justo e santo de acordo com a promessa feita a David»<sup>19</sup>, para restituir a emancipação e a soberania ao seu povo.

No período intertestamentário esta esperança messiânica estava muito viva e consolidada, fundamentalmente entre as classes mais baixas da sociedade: acreditavam que numa época de humilhação e submissão ao jugo estrangeiro como aquela em que viviam, a vinda do Messias estava iminente. No entanto, a imagem que a maior parte dos judeus tinha do Messias esperado, bastante influenciada pelo contexto social e político em que viviam, era bem diferente da postura com que Jesus veio a afirmar-se.

É a partir dos profetas que «a escatologia israelita assume uma perspectiva messiânica muito consistente (...), uma vez que são estes os grandes arautos da esperança futura no Messias»<sup>20</sup>. Os profetas anunciavam que as realizações de todas as esperanças do povo israelita se concretizariam na sua plenitude com a vinda do Salvador. Aqueles eram também tempos conturbados, de situações de crise social e política, e é nesse contexto que surge a figura do Messias, como resposta de fé e esperança que todo o povo era convidado a dar. Assim, o judaísmo profético concebia o Messias como uma figura nobre, descendente de David e enviado por Deus para libertar

---

<sup>19</sup> Giuseppe SEGALLA, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, p. 81.

<sup>20</sup> João Duarte LOURENÇO, *História e Profecia: o mundo dos profetas bíblicos*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2007, p. 127.

o seu povo de toda a opressão e sofrimento, reunindo-o e conduzindo-o ao seu reino glorioso.

No entanto, «a espera escatológica depois do exílio emergia de uma experiência religiosa distinta da dos grandes profetas»<sup>21</sup> e, mesmo no período neotestamentário, existia uma forte expectativa messiânica de carácter político. Uma grande parte do povo, inclusive o grupo de discípulos que acompanhava Jesus, posicionava-se na linha de um messianismo dinástico, esperavam um descendente do rei David cuja missão seria instaurar um reino glorioso<sup>22</sup>. O Messias era visto como um rei de carácter guerreiro, que esmagaria as nações pagãs com brutalidade e impiedade<sup>23</sup>. No fundo, Israel esperava um vingador que restabeleceria o reino davídico, no qual o povo eleito teria um lugar de destaque.

## **2. Génese do evangelho de Marcos**

É exactamente esta questão do messianismo que ocupará grande parte das temáticas do Evangelho de Marcos, do qual nos propomos a estudar a passagem de Mc 14,32-42.

Um dos grandes objectivos do evangelho de Marcos é precisamente o anúncio e proclamação de Jesus como Messias e Filho de Deus. O evangelho tenta responder à questão sobre a identidade de Jesus, quem Ele é e que tipo de messianismo é o dele<sup>24</sup>. Marcos lança-nos incessantemente a pergunta “Quem é Jesus?” e é precisamente no seu

---

<sup>21</sup> Mircea ELIADE, *História das Ideias e Crenças Religiosas*, vol. II, ed. Rés-Editora, Porto s/d, p. 217.

<sup>22</sup> Cf. Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, ed. Sígueme, Salamanca 2015, p. 70.

<sup>23</sup> Cf. Daniel-ROPS, *A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus*, p. 469.

<sup>24</sup> Cf. Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, «Evangelio según San Marcos», in Rafael AGUIRRE MONASTERIO e Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra 1992, pp. 114-119.

estilo de vida, nos seus ensinamentos, no seu projecto e nas suas opções que o leitor encontrará as respostas<sup>25</sup>.

Antes de aprofundarmos mais este ponto, consideramos necessário abordar de forma sumária outras questões sobre o autor, o lugar e o tempo de composição e os destinatários do Evangelho de Marcos, de forma a percebermos melhor o contexto e a finalidade deste escrito.

Sobre o autor deste evangelho, que foi escrito em grego *koiné*, com influências semitas, podemos deduzir que se trata de um cristão helenista de origem judaica<sup>26</sup>. De acordo com a tradição, de finais do século I, o autor desta obra seria Marcos (João Marcos, como é nomeado em Act 15,37), primo ou sobrinho de Barnabé e companheiro de Paulo. Este Marcos seria também muito próximo do apóstolo Pedro, sendo descrito como seu discípulo e intérprete por vários autores do século II como Papias, Ireneu, Justino ou Tertuliano<sup>27</sup>.

Em Act 12,12 é referido que Maria, a mãe de João Marcos, «possuía uma casa em Jerusalém que servia como local de reunião para a comunidade primitiva»<sup>28</sup>. João Marcos acompanhou também Paulo e Barnabé desde Jerusalém até Antioquia (cf. Act 12,25), em meados do ano 40, e, depois, durante um curto período de tempo, no início da primeira viagem missionária (cf. Act 13,5). Chegados à Ásia Menor, Marcos abandona os dois companheiros e regressa a Jerusalém. No seguimento desta situação, e aquando da segunda viagem missionária, dá-se o desentendimento entre Paulo e Barnabé, pois o apóstolo dos gentios não queria levar consigo Marcos, que os tinha abandonado anteriormente, mesmo sendo essa a vontade de Barnabé. Os dois separam-se e Marcos segue com Barnabé para o Chipre (cf. Act 15,37-39). Mais tarde, em inícios

---

<sup>25</sup> Cf. Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 112.

<sup>26</sup> Cf. Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, «Evangelio según San Marcos», p. 165.

<sup>27</sup> Cf. D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, ed. Paulus, Lisboa 2015, pp. 26-27.

<sup>28</sup> Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 13.

dos anos 60, Marcos volta a aparecer ao lado de Paulo, quando este estava preso em Roma, e é apresentado como seu colaborador (cf. Flm 24; 2 Tm 4,11)<sup>29</sup>. Uma última referência a Marcos surge na primeira carta de Pedro, onde este se lhe refere como «meu filho» (1 Pe 5,13), indicando uma «relação próxima e afectuosa»<sup>30</sup> entre os dois.

Todos estes dados vêm corroborar e confirmar a veracidade de João Marcos como o autor deste evangelho. «É inverosímil que a comunidade [primitiva] o tenha inventado, já que esta, quando emprega a pseudo-epigrafia para credibilizar uma obra, a atribui a autores apostólicos ou directamente vinculados a eles»<sup>31</sup>, e Marcos seria então uma personagem secundária na Igreja dos primeiros séculos.

Segundo a tradição, Marcos terá escrito o seu Evangelho com base nos testemunhos e na pregação oral do apóstolo Pedro. É provável que o tenha composto já depois da morte de Pedro, possivelmente entre os anos 65 e 70<sup>32</sup>, ainda que não nos seja possível determinar com exactidão esta data. O que é possível afirmar com certeza é que a redacção deste Evangelho é anterior ao de Mateus e Lucas e que serviu de base para estes dois.

Ainda que os dados internos não permitam assinalar o lugar exacto da composição desta obra, sugerem um «ambiente geocultural diferente da Palestina»<sup>33</sup>, uma vez que o narrador, ao longo do relato, tem de explicar alguns costumes judaicos e palavras aramaicas. A Igreja primitiva aponta tradicionalmente Roma como o lugar de composição; hoje, muitos biblistas e estudiosos colocam como hipótese que o

---

<sup>29</sup>Cf. Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 13.

<sup>30</sup>D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 27.

<sup>31</sup>Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, «Evangelio según San Marcos», p. 166.

<sup>32</sup>Cf. Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, pp. 22-23.

<sup>33</sup>D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 30.

evangelho de Marcos tenha sido composto na Síria e depois se tenha difundido a partir de Roma<sup>34</sup>.

Independentemente do local de composição, podemos afirmar com segurança que o ambiente em que se encontravam os destinatários de Marcos era de perseguição. As comunidades para quem o autor dirigiu o seu evangelho seriam comunidades que atravessavam uma grave crise e uma situação de insegurança por causa da fé que professavam<sup>35</sup>. Estamos provavelmente no período da Guerra Judaica, antes da destruição de Jerusalém<sup>36</sup> em 29 de agosto de 70 d. C.. Os efeitos da rebelião judaica contra Roma foram a desconfiança e hostilidade para com tudo o que fosse judeu ou cristão, já que o mundo pagão «nem sempre distinguia adequadamente entre judeus e cristãos»<sup>37</sup>. Porém, os cristãos, em especial, encontravam-se numa situação ainda mais delicada devido à feroz perseguição que Nero lhes fez após o incêndio de Roma no ano 64 da nossa era. Viviam permanentemente sob um clima de suspeitas e violência, sentiam-se ameaçados e eram obrigados a reunir-se em segredo e de forma dissimulada, estando sujeitos a inúmeras dificuldades e perigos.

Assim, é natural que os principais temas teológicos do Evangelho de Marcos sejam uma resposta às problemáticas vividas pelas comunidades suas destinatárias. Marcos concentra-se nas questões de cristologia e no conhecimento de Jesus por parte dos seus discípulos – esta «obra é uma cristologia correctiva, o que supõe que a comunidade necessitava de repensar a sua fé em Jesus»<sup>38</sup>. Torna-se missão do evangelista «corrigir as ideias messiânicas triunfalistas dos discípulos de Jesus, também agora repetidas em muitos dos seus destinatários. O verdadeiro Jesus não tem a ver com

---

<sup>34</sup> Cf. Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, ed. Sígueme, Salamanca 2015, p. 129.

<sup>35</sup> Cf. Ernest BEST, «The role of the Disciples in Mark», in *New Testament Studies*, vol. 23 (1977), p. 379.

<sup>36</sup> Cf. D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 31.

<sup>37</sup> Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, «Evangelio según San Marcos», p. 167.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

o Jesus triunfalista da parusia, que muitos esperam, mas com o Cristo da Cruz – é precisamente «na fraqueza e aceitação da cruz que se manifesta o Ressuscitado e a vontade do Pai»<sup>39</sup>.

Em suma, as questões cristológicas e do discipulado assumem em Marcos uma importância central, pois são temas transversais a todo o evangelho. A passagem de Mc 14,32-42, que nos propomos estudar, também é rica nestas temáticas e que vão ser trabalhadas com mais pormenor nos capítulos seguintes. Tal como no tempo em que este evangelho foi escrito, esta é uma problemática bastante actual e a necessidade de ser relida e trabalhada apresenta-se urgente numa Igreja cada vez mais diluída, abandonada e perseguida.

---

<sup>39</sup> Joaquim Carreira das NEVES, «A “Catequese” como chave hermenêutica dos Evangelhos Sinópticos», in *Didaskalia*, vol. XXVIII (1998), p. 106.

## **CAPÍTULO II – O TEXTO: MC 14,32-42**

Após explorar algumas coordenadas geográficas, históricas, sociais e políticas que nos aproximam e melhor situam face à perícopé aqui trabalhada, importa agora dar mais um passo e adentrarmo-nos, verdadeiramente, na narrativa de Marcos. Somente com a devida atenção dada à estrutura, análise literária e configuração do texto, será possível uma leitura mais profícua, que nos apontará para um significado autêntico e real do seu conteúdo. Sendo este um texto com o qual poderemos já estar bastante familiarizados, é-nos exigido um distanciamento e um estudo crítico do mesmo.

Desta forma, apresentaremos o texto de Mc 14,32-42 na sua fonte grega, acompanhado da tradução e, em seguida, ocupar-nos-emos da delimitação narrativa textual, considerando o seu enquadramento e importância no restante evangelho, e apresentaremos também uma proposta de estruturação da perícopé. Procederemos depois a uma análise das marcas espaço-temporais e das personagens que dão corpo ao relato, bem como ao estudo de outros elementos literários que consideramos pertinentes. Por fim, elaboraremos um confronto entre as narrativas de Marcos, Mateus, Lucas, João e a Carta aos Hebreus deste mesmo texto, por meio de um quadro sinóptico, para assim explorar as semelhanças existentes e evidenciar as especificidades de Mc 14,32-42.

Percebemos a partir daqui que a perícopé da oração de Jesus no Getsémani nos revela, nas suas entrelinhas, uma riqueza muito maior do que a obtida de uma primeira leitura superficial, como aliás acontece com todo o surpreendente texto bíblico. Este é um texto simples, mas que contém inúmeras pistas acerca da pessoa de Jesus Cristo e também dos seus discípulos e que, hoje, nos pode revelar muito daquilo que é a identidade de um cristão.

## 1. Texto grego

Para uma melhor apropriação e compreensão da passagem do Evangelho de Marcos que nos propomos trabalhar, consideramos pertinente a apresentação do texto original, escrito em grego<sup>40</sup>:

32. Καὶ ἔρχονται εἰς χωρίον οὗ τὸ ὄνομα Γεθσημανί, καὶ λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ, Καθίσατε ὧδε ἕως προσεύξωμαι.

33. καὶ παραλαμβάνει τὸν Πέτρον καὶ [τὸν] Ἰάκωβον καὶ [τὸν] Ἰωάννην μετ' αὐτοῦ, καὶ ἤρξατο ἐκθαμβεῖσθαι καὶ ἀδημονεῖν,

34. καὶ λέγει αὐτοῖς, Περίλυπός ἐστιν ἡ ψυχὴ μου ἕως θανάτου· μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε.

35. καὶ προελθὼν μικρὸν ἐπιπτεν ἐπὶ τῆς γῆς, καὶ προσήχετο ἵνα εἰ δυνατόν ἐστιν παρέλθῃ ἀπ' αὐτοῦ ἡ ὥρα,

36. καὶ ἔλεγεν, Αββα ὁ πατήρ, πάντα δυνατά σοι· παρένεγκε τὸ ποτήριον τοῦτο ἀπ' ἐμοῦ· ἀλλ' οὐ τί ἐγὼ θέλω ἀλλὰ τί σύ.

37. καὶ ἔρχεται καὶ εὐρίσκει αὐτοὺς καθεύδοντας, καὶ λέγει τῷ Πέτρῳ, Σίμων, καθεύδεις; οὐκ ἴσχυσας μίαν ὥραν γρηγορῆσαι;

38. γρηγορεῖτε καὶ προσεύχεσθε, ἵνα μὴ ἔλθητε εἰς πειρασμόν· τὸ μὲν πνεῦμα πρόθυμον ἡ δὲ σὰρξ ἀσθενής.

39. καὶ πάλιν ἀπελθὼν προσήξατο τὸν αὐτὸν λόγον εἰπών.

40. καὶ πάλιν ἐλθὼν εὔρεν αὐτοὺς καθεύδοντας, ἦσαν γὰρ αὐτῶν οἱ ὀφθαλμοὶ καταβαρυνόμενοι, καὶ οὐκ ᾔδεισαν τί ἀποκριθῶσιν αὐτῷ.

---

<sup>40</sup> Recorremos à fonte Kurt ALAND et al, *The Greek New Testament*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1993<sup>4\*</sup>, pp. 179-180.

41. καὶ ἔρχεται τὸ τρίτον καὶ λέγει αὐτοῖς, Καθεύδετε τὸ λοιπὸν καὶ ἀναπαύεσθε; ἀπέχει: ἦλθεν ἡ ὥρα, ἰδοὺ παραδίδεται ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου εἰς τὰς χεῖρας τῶν ἀμαρτωλῶν.

42. ἐγείρεσθε ἄγωμεν: ἰδοὺ ὁ παραδιδούς με ἤγγικεν.

## 2. Tradução do texto

Apresentamos a seguir a tradução portuguesa de Mc 14,32-42, retirada de *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima 2009<sup>5a</sup>.

Durante a pesquisa e a preparação levada a cabo para este trabalho, realizamos uma proposta de tradução da perícopre, que nos possibilitou uma maior aproximação e apropriação do texto. Porém, uma vez que a tradução por nós elaborada não evidenciou diferenças substanciais em relação à da Difusora Bíblica ou que fossem de grande relevância para o decurso do trabalho e ainda por uma questão de maior coerência e acuidade metodológica, preferimos apresentar a tradução acima referida.

32. Chegaram a uma propriedade chamada Getsémani, e Jesus disse aos discípulos: «Ficai aqui enquanto Eu vou orar.»

33. Tomando consigo Pedro, Tiago e João, começou a sentir pavor e a angustiar-se.

34. E disse-lhes: «A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai.»

35. Adiantando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora.

36. E dizia: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres.»

37. Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro:  
«Simão, dormes? Nem uma hora pudeste vigiar!
38. Vigiai e orai, para não cederdes à tentação; o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil.»
39. Retirou-se de novo e orou, dizendo as mesmas palavras.
40. E, voltando de novo, encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados; e não sabiam que responder-lhe.
41. Voltou pela terceira vez e disse-lhes: «Dormi agora e descansai! Pois bem, chegou a hora. Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores.
42. Levantai-vos! Vamos! Eis que chega o que me vai entregar.»

### **3. Características textuais do evangelho de Marcos**

Marcos é o mais breve dos quatro evangelhos<sup>41</sup> e é considerado também o mais antigo de todos, sendo utilizado como fonte por Mateus e Lucas<sup>42</sup>. Como referido no capítulo anterior, a obra foi escrita originariamente em grego, com o recurso a algumas expressões aramaicas e latinas. Apresenta uma linguagem muito simples, pouco refinada no vocabulário, quase rude. Faz uso frequente da conjunção copulativa καί (fenómeno da parataxe) para unir os diferentes relatos, sendo esta uma das poucas

---

<sup>41</sup> A narrativa de Marcos é composta por cerca de 95 relatos, num total aproximado de 11242 palavras.

<sup>42</sup> A teoria das duas fontes, que reconhece a prioridade de Marcos em relação a Mateus e Lucas, é largamente aceite pelos exegetas, porém não convém esquecer o seu carácter hipotético. Classicamente, a dependência de Mt e Lc em relação ao evangelho de Marcos justifica-se pelo seu estilo mais arcaico, que dificilmente lhes seria posterior, e pelo facto de Mateus e Lucas o terem utilizado como fonte de forma independente entre si. Para um estudo mais aprofundado desta questão veja-se Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, vol. I, ed. Verbo Divino, Navarra 2005, pp. 84-90 ou Rafael AGUIRRE MONASTERIO, «Historia de la interpretación y cuestiones abiertas», in Rafael AGUIRRE MONASTERIO e Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra 1992, pp. 67-71.

conjunções a que recorre. É um texto pouco rígido ou limado, com a presença de vários anacolutos<sup>43</sup>, repetições de frases e palavras, assíndetos (ausência de conjunções coordenativas) e incongruências terminológicas<sup>44</sup>. Mesmo que utilizado de forma irregular, o vocabulário deste evangelho é bastante rico: composto por 1345 termos diversos, sendo 79 deles *ápax*, isto é, únicos do Novo Testamento.

Apesar das incorrecções gramaticais, o evangelho de Marcos conquista e prende o leitor pela viveza e realismo dos seus relatos<sup>45</sup>. O emprego do advérbio εὐθύς (imediatamente) e a utilização constante do presente histórico (151 vezes), de participios e do discurso directo conferem um ritmo apelativo à narrativa e ajudam o leitor a visualizar a cena relatada.

A imediatez das cenas presentida ao longo de toda a narração, o estilo vivo e a gramática e sintaxe pouco trabalhadas deste evangelho são aspectos que tipicamente se relacionam com a oralidade. Esta é uma característica natural, uma vez que o próprio relato de Marcos é fruto de uma tradição transmitida oralmente na primitiva comunidade cristã que servia como guia para a pregação. Por outro lado, é possível a já existência de uma unidade escrita fragmentária, estando Marcos em continuidade textual com esses relatos<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> Trata-se de um recurso estilístico que consiste em abandonar a meio uma construção sintática adoptando outra. Isto pode ser constatado, por exemplo, em Mc 13,14.

<sup>44</sup> Para uma análise mais detalhada do vocabulário, sintaxe e estilo no evangelho de Marcos, pode ver-se Vincent TAYLOR, *The Gospel according to St. Mark*, ed. Macmillan St. Martin's Press, London 1969<sup>2</sup>, pp. 44-54.

<sup>45</sup> Cf. Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, «Evangelio según San Marcos», p. 105.

<sup>46</sup> Para um maior aprofundamento da questão do relato pré-marcano, cf. Santiago GUIJARRO OPORTO, «La composición del evangelio de Marcos», in *Salmanticensis* 53 (2006), p. 5-33; Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemaní hasta el Sepulcro*, pp. 91-104.

#### 4. Delimitação narrativa

Para colher e processar de forma consistente o sentido da perícopes em estudo, consideramos necessário enquadrá-la no âmbito mais amplo de todo o evangelho de Marcos, ao mesmo tempo que identificamos e estabelecemos as marcas que nos permitem delimitar o texto. Mc 14,32-42, além do seu contexto próprio, tem conexões com o restante evangelho, quer ao nível da forma, quer ao nível das temáticas. E é exactamente isso que nos propomos aprofundar neste ponto do nosso trabalho.

##### 4.1. Contexto amplo de Mc 14,32-42

O relato da oração de Jesus no Getsémani insere-se, dentro da macro-estrutura do evangelho de Marcos, nos últimos dias de Jesus em Jerusalém e integra o conjunto das narrativas da Paixão (caps. 14-15), que se arrogam como o bloco primordial e fulcral deste evangelho.

Quanto à estrutura geral do evangelho, são várias e diversas as propostas dos exegetas, de acordo com os critérios seguidos. Se nos basearmos no critério geográfico, a estrutura, de forma quiástica, que se nos afigura é a seguinte<sup>47</sup>:

<b>1,1-13</b>	Prólogo
<b>1,14 – 7,23</b>	O começo do Evangelho na Galileia
<b>7,24 – 10,52</b>	Jesus em peregrinação contínua
<b>11,1 – 15,47</b>	Os últimos dias de Jesus em Jerusalém
<b>16,1-8 [9-20]</b> <sup>48</sup>	Epílogo

---

<sup>47</sup> Para a elaboração desta estrutura, colhemos elementos em Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, pp. 14-16 e ainda em D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, pp. 32-34.

Se falarmos de uma estrutura teológica, mais focada nos conteúdos e temáticas, devemos ter em conta que o evangelho de Marcos é constituído por dois grandes blocos, que têm na sua origem duas confissões de fé: a de Pedro (8,29: «Tu és o Messias») e a do centurião romano (15,39: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»).

Assim, temos um primeiro bloco (1,1 – 8,30), orientado para o messianismo e para a temática do Reino de Deus, que procura desvendar a identidade de Jesus. Ao longo destes capítulos iniciais, o evangelista vai revelando progressivamente Jesus como o Messias e apresentando as reacções dos fariseus (1,14 – 3,6), do povo (3,7 – 6,6a) e dos discípulos (6,6b – 8,30), culminando a narrativa na confissão messiânica de Pedro. Nesta primeira secção, o messianismo de Jesus vai sendo aprofundado e concretizado e para isso o autor recorre ao chamado *segredo messiânico*, tão característico deste evangelho<sup>49</sup>. Os mandatos de silêncio impostos a quem evidencia conhecê-lo e «que parecem querer ocultar a identidade de Jesus são, na realidade, um recurso para fazer com que o leitor se interrogue acerca da dita identidade»<sup>50</sup>. É provável, devido ao contexto político e social a que já fizemos referência no primeiro capítulo do nosso trabalho, que os próprios discípulos não compreendessem ou interpretassem incorrectamente o que viam e ouviam de Jesus. Daí a necessidade de explicitar que tipo de messianismo é o de Jesus e que compromisso isso exige dos seus discípulos. Por isso, também o leitor é interpelado a descobrir e a perguntar-se sobre quem é Jesus.

O segundo bloco (8,31 – 16,8) orienta-se para a revelação de Jesus como Filho de Deus, representada na afirmação do centurião romano. A filiação divina de Jesus é a

---

<sup>48</sup> Os versículos 9-20 são considerados canónicos, ainda que a maior parte dos estudiosos e exegetas concordem tratar-se de um acréscimo posterior, ao qual não reconhecem a autoria de Marcos. O objectivo deste acréscimo, que contém um resumo das aparições pascais de Jesus presentes nos outros evangelhos, seria o de completar o final repentino do evangelho de Marcos.

<sup>49</sup> Cf. Ernest BEST, «The role of the Disciples in Mark», p. 388.

<sup>50</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 113.

chave hermenêutica para compreender que tipo de messianismo é o dele: «não deve entender-se em termos dinásticos, mas como filiação, e em concreto uma filiação que comporta o sofrimento e a morte»<sup>51</sup>.

Com o intuito de melhor contextualizar o relato da oração no Getsémani no evangelho de Marcos, torna-se pertinente assinalar, com mais cuidado, a importância e centralidade deste segundo bloco na macro-narrativa. Assim, de forma a orientar o leitor através das subdivisões, apresentamos uma estrutura esquemática<sup>52</sup> que em seguida será desenvolvida:

**8,31 – 10,52:** Catequeses sobre a paixão-morte-ressurreição

**11 – 13:** Prólogo da paixão

**14,1 – 16,8:** Paixão-morte-ressurreição

**14,1-42:** Preparação próxima

**14,1-2:** Conspiração das autoridades judaicas para matar Jesus

**14,3-9:** Unção de Betânia

**14,10-11:** Traição de Judas

**14,12-16:** Preparação da Ceia Pascal

**14,17-21:** Anúncio da traição de Judas

**14,22-25:** Instituição da Eucaristia

**14,26-31:** Anúncio do abandono de Pedro e dos outros discípulos

**14,32-42:** Oração de Jesus no Getsémani

**14,43 – 15,47:** Relato da paixão e morte

**16,1-8:** Proclamação da ressurreição

---

<sup>51</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 119.

<sup>52</sup> Cf. Antonio RODRÍGUEZ CARMONA, «Evangelio según San Marcos», pp. 116-119.

Marcos inicia este bloco temático com o primeiro anúncio da paixão<sup>53</sup> por parte de Jesus, como resposta à confissão messiânica de Pedro. Se até àquele momento predominavam os milagres na acção de Jesus, enquanto manifestação do seu poder, agora a sua actividade é marcada essencialmente por um discurso sobre o sofrimento, a humilhação e a morte<sup>54</sup>. Perante um messianismo que pode ser mal interpretado, Jesus anuncia a sua paixão, morte e ressurreição, evidenciando que só a cruz poderá desfazer a incompreensão que os discípulos vivem. A confissão de fé de Pedro ainda não era completa, ainda não implicava a adesão pessoal e o comprometimento sério com este Cristo e com o seu caminho em direcção à cruz. Por isso, esta segunda secção do evangelho de Marcos está repleta das temáticas da paixão e morte, lugares fundamentais da revelação de Jesus como Filho de Deus.

No prólogo da paixão são narrados os últimos três dias de Jesus em Jerusalém. No primeiro, dá-se a entrada messiânica de Jesus na cidade (11,1-10), a sua primeira passagem pelo Templo (11,11) e a ida para Betânia com os seus discípulos. A entrada no Templo é considerada «o ponto mais alto da viagem» e «o ápice do caminho de Jesus»<sup>55</sup>. No segundo, temos o episódio da figueira estéril, metáfora para a problemática da purificação do Templo, uma vez que também este era estéril devido aos seus preceitos e ritos vazios de sentido. O terceiro é passado quase integralmente no Templo, ficando marcado pelos ensinamentos de Jesus e pelas tensões cada vez mais crescentes com os sumo-sacerdotes e os fariseus. No final, e a ocupar todo o capítulo 13, encontramos o discurso escatológico, que serve de pórtico de entrada para o relato da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

---

<sup>53</sup> São três, concretamente, os anúncios da paixão em Marcos: 8,31-32; 9,30-32; e 10,32-34.

<sup>54</sup> Cf. Santiago GUIJARRO OPORTO, «La composición del evangelio de Marcos», p. 5.

<sup>55</sup> D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 120.

Estes últimos capítulos de Marcos (14,1 – 16,8) constituem-se como o cume da obra de Marcos, o ponto central da sua teologia e reflexão, o momento chave da revelação definitiva do tipo de messianismo que se enquadra com a missão do Filho de Deus. Para o leitor, o evangelho assemelha-se a um caminho que vai sendo percorrido progressivamente e que inevitavelmente vem desembocar aqui, neste momento final, sem o qual não seria possível compreender com clareza o caminho feito – «o relato de Marcos, como todo o bom relato, desvela-se no final»<sup>56</sup>. Neste desenlace da narrativa são-nos fornecidas pistas que trazem finalmente luz sobre as dúvidas e as contradições lançadas por Marcos ao longo de todo o relato<sup>57</sup>.

Para termos uma ideia mais concreta, a narrativa da Paixão é de tal ordem fulcral no evangelho de Marcos que corresponde a cerca de um sexto de toda a obra (108 versículos num total de 677). Um período de pouco mais de 24 horas ocupa quase 16% do evangelho, enquanto o período da vida pública de Jesus (cerca de 3 anos) ocupa os restantes 84%<sup>58</sup>. Isto demonstra uma certa desproporção entre o tempo narrativo e o tempo de narrar, que corrobora a centralidade e importância dada pelo evangelista a esta secção. Num certo sentido, podemos aplicar a Marcos a expressão de Martin Kähler acerca dos evangelhos, quando diz que estes são «histórias da paixão com uma introdução detalhada»<sup>59</sup>, não só por causa dos números e percentagens apresentados, como também pela centralidade dada à temática da paixão, comprovada em várias

---

<sup>56</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 75.

<sup>57</sup> Este recurso estilístico, denominado *anagnórise*, que consiste no reconhecimento ou descoberta de um facto ou circunstância determinante, que estava oculto até ao momento e que causa uma mudança radical no desenvolvimento da narrativa e no destino do protagonista, vem já da tradição clássica.

<sup>58</sup> Cf. D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 95.

<sup>59</sup> M. KÄLHER, *Der sogenannte historische Jesus und der geschichtliche*, Leipzig, A. Deichert, 1892 (2.<sup>a</sup> ed., 1896), p. 80, nota 1 *apud* Ernest R. MARTINEZ, *La sequela di Gesù Cristo nel Vangelo secondo Marco*, ed. Pontificia Università Gregoriana, Roma 2000<sup>2a</sup>, p. 103.

referências ao longo do texto evangélico. A Paixão é, sem dúvida, «a peça mais importante da vida de Jesus»<sup>60</sup>.

Detalhando ainda mais esta última secção da paixão, morte e ressurreição, podemos distinguir três etapas: a preparação próxima (14,1-42); o relato da paixão e morte (14,43 – 15,47); e a proclamação da ressurreição (16,1-8).

A nossa perícopie insere-se precisamente nesta última secção do evangelho de Marcos, a encerrar a etapa da preparação próxima e servindo de ponte para o relato da paixão e morte de Jesus. Dentro da preparação próxima, depois de colocar em evidência a conspiração das autoridades judaicas para matar Jesus (14,1-2), é narrada a unção de Betânia (14,3-9), a traição de Judas (14,10-11), a preparação da Ceia Pascal (14,12-16), o anúncio da traição de Judas (14,17-21), a instituição da Eucaristia (14,22-25), o anúncio do abandono de Pedro e dos outros discípulos (14,26-31) e, finalmente, a oração de Jesus no Getsémani (14,32-42).

Para melhor percebermos a sequência próxima dos acontecimentos relativos à narração da paixão, pensamos ser oportuno apresentá-los em quadro cronológico. Note-se que, segundo o calendário judaico, o dia iniciava-se com o pôr-do-sol e, assim sendo, a última ceia e a sepultura de Jesus distam umas 24 horas<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> Gerardo SÁNCHEZ MIELGO, *Claves para leer los evangelios sinópticos*, ed. San Esteban-Edibesa, Salamanca – Madrid 2001<sup>2ª</sup>, p. 191.

<sup>61</sup> Existem entre os sinópticos e o evangelho de João discrepâncias acerca deste calendário. A questão da data da Última Ceia e, conseqüentemente, dos eventos que se lhe seguem, tem vindo a suscitar dúvidas e interrogações nos especialistas. Optámos por não elaborar este assunto aqui, por nos parecer pouco relevante para a finalidade do trabalho, mas sugerimos para consulta a síntese de Ratzinger sobre o problema: Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, pp. 94-100.

	<b>14 de Nisan (quinta-feira)</b>	<b>15 de Nisan (sexta-feira)</b>
<b>03h00</b>		3ª negação de Pedro (14, 70-72)
<b>06h00</b>		Processo diante de Pilatos (15, 1)
<b>09h00</b>		Crucifixão (15, 25)
<b>12h00</b>		As trevas cobrem a terra (15, 33)
<b>15h00</b>	Preparação da ceia (14, 12)	Morte de Jesus (15, 34)
<b>18h00</b>	Início da ceia (14, 17)	Sepultura de Jesus (15, 42)
<b>21h00</b>	Getsémani (14, 26)	
<b>24h00</b>	Prisão de Jesus (14, 43)	

#### 4.2. Contexto imediato de Mc 14,32-42

Ao elaborar esta delimitação narrativa, temos tentado enquadrar a perícopes de Mc 14,32-42 no seu contexto mais amplo, o evangelho de Marcos no seu todo, e tentamos agora uma maior aproximação ao texto, procurando situar-nos no seu contexto mais imediato e restrito. Existem vários indicadores temáticos e espaço-temporais que nos permitem evidenciar a relação entre a nossa perícopes e os relatos que a antecedem e a procedem. Trata-se, não só de identificar os pontos comuns, como também de compreender a articulação entre os diferentes textos. Só desta forma podemos abarcar com mais amplitude o significado do nosso relato.

Como vimos, a oração no Getsémani é precedida pelas perícopes da instituição da Eucaristia (14,22-25) e do anúncio das negações de Pedro (14,26-31) e sucedida pela narração da prisão de Jesus (14,43-52).

<b>Mc 14, 22-26</b>	<b>Mc 14, 27-31</b>	<b>Mc 14, 43-51</b>
<p><sup>22</sup>Enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos dizendo: «Tomai: isto é o meu corpo.» <sup>23</sup>Depois, tomou o cálice, deu graças e entregou-lho. Todos beberam dele. <sup>24</sup>E Ele disse-lhes: «Isto é o meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos. <sup>25</sup>Em verdade vos digo: não voltarei a beber do fruto da videira até ao dia em que o beba, novo, no Reino de Deus.» <sup>26</sup>Após o canto dos salmos, saíram para o Monte das Oliveiras.</p>	<p><sup>27</sup>Jesus disse-lhes: «Todos ides abandonar-me, pois está escrito: Ferirei o pastor e as ovelhas hão-de dispersar-se. <sup>28</sup>Mas, depois de Eu ressuscitar, hei-de preceder-vos a caminho da Galileia.» <sup>29</sup>Pedro disse: «Mesmo que todos venham a abandonar-te, eu não.» <sup>30</sup>E Jesus disse: «Em verdade te digo, que hoje, esta noite, antes de o galo cantar duas vezes, tu me terás negado três vezes.» <sup>31</sup>Mas ele insistia com mais ardor: «Mesmo que tenha de morrer contigo, não te negarei.» E todos afirmaram o mesmo.</p>	<p><sup>43</sup>E logo, ainda Ele estava a falar, chegou Judas, um dos Doze, e, com ele, muito povo com espadas e varapaus, da parte dos sumos sacerdotes, dos doutores da Lei e dos anciãos. <sup>44</sup>Ora, o que o ia entregar tinha-lhes dado este sinal: «Aquele que eu beijar é esse mesmo; predei-o e levai-o bem guardado.» <sup>45</sup>Mal chegou, aproximou-se de Jesus, dizendo: «Mestre!»; e beijou-o. <sup>46</sup>Os outros deitaram-lhe as mãos e prenderam-no. <sup>47</sup>Então, um dos que estavam presentes, puxando da espada, feriu o criado do Sumo Sacerdote e cortou-lhe uma orelha. <sup>48</sup>E tomando a palavra, Jesus disse-lhes: «Como se eu fosse um salteador, viestes com espadas e varapaus para me prender! <sup>49</sup>Estava todos os dias junto de vós, no templo, a ensinar, e não me prendestes; mas é para se cumprirem as Escrituras.» <sup>50</sup>Então, os discípulos, deixando-o, fugiram todos. <sup>51</sup>Um certo jovem, que o seguia envolto apenas num lençol, foi preso; <sup>52</sup>mas ele, deixando o lençol, fugiu nu.</p>

Deparamo-nos ao longo desta sequência narrativa com uma tensão crescente, dado que se aproxima o grande desenlace do evangelho: a revelação de Jesus Cristo, como Filho de Deus, pela sua paixão e morte na cruz, está iminente. Assim, e à luz dos acontecimentos que estão para vir, a ceia pascal que Jesus partilhava com os seus discípulos ganha um novo sentido. Jesus «transforma o significado desta refeição para eles, na medida em que coloca uma nova interpretação simbólica sobre o pão e o vinho»<sup>62</sup>, relacionando-os com a sua própria morte (vv. 22-25).

A referência ao Reino de Deus e a ideia aí implícita da sua proximidade (v. 25) é também um sinal desta iminência do desfecho da narração. Além disso, a ceia pascal judaica, numa perspectiva escatológica, apontava para a esperança na futura redenção messiânica, que já sabemos realizar-se na entrega de Jesus Cristo na cruz.

Dentro desta temática, um termo comum que encontramos na narração da instituição da eucaristia e na oração de Jesus no Getsémani é ποτήριον (cálice ou taça). A simbologia deste vocábulo é muito rica, uma vez que tanto pode ser sinónimo de alegria e felicidade, e por isso estar relacionado com a ceia e o banquete (cf. Sl 23[22],5; 16[15],5) ou pode também ter um cunho mais negativo, associado ao sofrimento (cf. Sl 75[74],9; 11[10],6; Jr 25,15-17; 49,12; Is 51,17-22). Neste caso, sabemos que, quando em Mc 14,36 Jesus intercede junto do Pai para que afaste dele aquele cálice, refere-se à sua paixão e morte. O mesmo termo, com este mesmo sentido, aparece anteriormente em Mc 10,38-39, quando Tiago e João pedem a Jesus que lhes conceda sentarem-se à sua esquerda e à sua direita no Reino<sup>63</sup>.

O versículo 26 é de transição. Jesus desloca-se com os seus discípulos da casa na cidade de Jerusalém, onde tinham celebrado a ceia pascal, para o Monte das Oliveiras.

---

<sup>62</sup> J. P. HEIL, «Mark 14.1-52: Narrative Structure and Reader-Response», in *Biblica* 71 (1990), p. 318.

<sup>63</sup> Cf. Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, ed. Fortress Press, Philadelphia 1976, p. 51.

Ele terá celebrado com os seus discípulos a tradicional ceia judaica que, além da bênção do pão e dos cálices, contemplava também a recitação do pequeno *Hallel* da Páscoa, salmos 113 a 118<sup>64</sup>. Assim, se explica a referência ao canto dos salmos.

É durante este caminho até ao Monte das Oliveiras que Jesus prediz o que vai acontecer com os discípulos no seguimento da sua prisão. Num tom mais negativo, encontramos o tema do abandono e da dispersão, como reacção à prisão do Mestre. É neste versículo 27 que encontramos nas palavras de Jesus uma citação do Antigo Testamento (Zac 13,7, sobre a dispersão das ovelhas), a única explícita e formal em todo o relato da paixão marcano<sup>65</sup>. Esta profecia de 14,27 encontra a sua correspondência e cumprimento em 14,50, quando é descrita a fuga dos discípulos, após a prisão de Jesus. A fuga e dispersão não têm uma conotação literal geográfica, são antes sinal de uma fé pouco firme, que não está à altura dos acontecimentos que terão lugar a partir daquela noite e que porão à prova a sua ideia de messianismo. Já em Mc 13,9-13, no discurso escatológico, que tem também lugar no Monte das Oliveiras, Jesus fala da perseguição aos discípulos e incentiva-os a serem fiéis até ao fim. Pelo meio, temos ainda a dormência dos discípulos no Getsémani, enquanto Jesus orava, que contrasta com a resposta pronta dada em 14,31, e que vai preparando o leitor para a fuga e abandono de Jesus por parte dos discípulos.

Num tom mais positivo, assistimos nesta profecia a uma inversão da dispersão anteriormente anunciada. Ao anúncio da crise de fé dos seus discípulos, Jesus responde com a promessa de voltar depois da ressurreição. O «preceder-vos» usado em Mc 14,28 vem do verbo grego προάγω, que significa adiantar-se, ir adiante. Esta é uma expressão

---

<sup>64</sup> Cf. José María CASCIANO et al, *Sagrada Biblia – Comentario*, ed. Universidad de Navarra, Pamplona 2010, p. 1055.

<sup>65</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 178.

típica da linguagem da pastorícia e sugere que, após a ressurreição, Jesus voltará a ser o pastor e reabilitará o seu rebanho<sup>66</sup>.

Para finalizar esta cena, temos o anúncio das negações de Pedro e a sua recusa de tal situação. Perante a profecia de abandono por parte dos discípulos, Pedro quer mostrar a sua coragem e fidelidade a Jesus<sup>67</sup>. Anteriormente, em Mc 8,31-33, quando repreende Jesus por este afirmar que o caminho do Messias passa pelo sofrimento e pela humilhação, Pedro recusa que a cruz seja o lugar da revelação do Filho de Deus. Agora, diz-se disposto a partilhar o destino de Jesus e, juntamente com ele, todos os outros discípulos assim o afirmam. Mas, para o leitor que já conhece o desfecho do relato da paixão, a precipitada resposta de Pedro é irrealista, pois aquando da prisão de Jesus efectivamente todos o abandonam e fogem.

Do relato da prisão de Jesus, que sucede ao da oração no Getsémani, destacamos apenas dois pontos que nos parecem ser de maior relevo para o tema do nosso trabalho. Um prende-se com o cumprimento das palavras da Escritura e da profecia de Jesus em 14,27. A atitude dos discípulos parece surpreendente: poucas horas antes, perante as palavras de Jesus, eles mostravam-se dispostos a segui-lo até à morte (14,31); quando os homens que, a mando dos sumo-sacerdotes, se apoderaram de Jesus e o prenderam, houve uma tentativa de contra-ataque e de luta<sup>68</sup> (14,47); e então, finalmente, todos fugiram (14,50)<sup>69</sup>. O medo supera enfim a fidelidade dos discípulos.

O segundo ponto que pretendemos realçar diz respeito a «uma inclusão entre a descrição de Marcos do chamamento dos primeiros discípulos no início do ministério e

---

<sup>66</sup> Cf. J. P. HEIL, «Mark 14.1-52: Narrative Structure and Reader-Response», p. 321.

<sup>67</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, pp. 127-128.

<sup>68</sup> Existe alguma discussão em torno desta acção. A iniciativa terá partido do grupo dos Doze? Terá sido Simão Pedro, como especifica o Evangelho de João? Ou teria sido alguém do grupo dos espectadores? Para uma análise mais concisa deste ponto, pode consultar-se Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, pp. 339-344.

<sup>69</sup> Cf. Mario GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, ed. San Pablo, Madrid 2007, p. 299.

estas últimas acções de todos os discípulos no final do ministério»<sup>70</sup>. Em Mc 14,50 – «os discípulos, deixando-o, fugiram todos» – utiliza-se o verbo grego ἀφίημι, que podemos traduzir por *deixar/abandonar*. É o mesmo verbo utilizado em Mc 1,18, quando o narrador nos diz que Simão e André deixaram as suas redes e seguiram Jesus; e em Mc 1,20, quando Tiago e João deixam o seu pai e partem com Ele<sup>71</sup>. A diferença é que agora, no Monte das Oliveiras, o seguimento dá lugar ao abandono. Mais adiante, teremos oportunidade de explorar melhor o caminho e as reacções dos discípulos. Por enquanto, seguimos com a aproximação à nossa perícopé, apresentando a sua estrutura.

## **5. Estrutura narrativa de Mc 14,32-42**

Optámos por aqui apresentar uma estrutura narrativa baseada nos conteúdos da perícopé e na articulação das unidades menores que a constituem, para assim compreender melhor e mais detalhadamente o que nela se diz. O grande objectivo é ajudar a descobrir e clarificar o fio condutor ou a tela de fundo que guia toda a narrativa.

### **14, 32-34** Chegada e situação inicial

*32-33a*: chegada de Jesus e dos seus discípulos

*33b-34*: Jesus inquieto e angustiado

### **14, 35-36** Jesus ora ao Pai

*35a*: Jesus cai por terra

*35b-36*: a hora e o cálice

### **14, 37-38** Jesus volta pela primeira vez para junto dos discípulos

*37-38a*: sono, vigilância e proximidade da provação

---

<sup>70</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 363.

<sup>71</sup> Cf. J. P. HEIL, «Mark 14.1-52: Narrative Structure and Reader-Response», p. 329.

38b: o espírito e a carne

**14, 39-40** Jesus volta pela segunda vez para junto dos discípulos

39: Jesus reza de novo

40: incompreensão dos discípulos

**14, 41-42** Jesus volta pela terceira vez para junto dos discípulos

41: a hora do Filho do Homem chegou

42: última exortação aos discípulos

Ao observarmos a estrutura do relato e após a sua leitura, não é difícil percebermos as repetições e algumas incoerências de Marcos. Alguns estudiosos acreditam tratar-se do fruto de uma fusão de duas tradições díspares (uma cristológica e outra parenética). No fundo, a primeira tradição teria como objectivo desvelar a identidade de Jesus e centrar-se-ia na sua luta interior, na sua angústia e na questão da hora, tendo a oração o papel mais importante nesta narrativa. Já a segunda tradição teria como objectivo ensinar os cristãos a forma de superação das dificuldades através da oração, como fez Jesus, e, por isso, se concentraria mais nos discípulos e no tema da vigilância<sup>72</sup>.

Sabemos claramente que o texto poderá também ter sofrido ao longo dos tempos acrescentos e ampliações, mas isso não retira valor ao facto de estarmos perante uma narrativa condensada e bem tecida, com uma consistência muito própria e que nos introduz de forma magistral e dramática no caminho da Paixão percorrido por Jesus. A cena do Getsémani é a chave de leitura para o restante relato da paixão: aqui inicia-se

---

<sup>72</sup> Cf. Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, ed. Sígueme, Salamanca 1997, pp. 15-16.

uma linha de narração «mais profunda que revela o que Jesus experimentou na sua intimidade [e que nos permite] ver a paixão desde dentro»<sup>73</sup>.

Convém ainda ressaltar nesta estrutura do relato, a sua divisão ternária. Por três vezes, encontramos Jesus a rezar. Por três vezes, Ele utiliza o verbo vigiar. Por três vezes, Ele vai e volta para junto dos discípulos e por três vezes os encontra a dormir. Esta narração repetitiva<sup>74</sup> acaba por destacar, por um lado, a ansiedade e angústia de Jesus e a sua necessidade de comunhão e relação, e por outro, a não correspondência a essa necessidade por parte dos discípulos e a sua incapacidade de compreensão e partilha da mesma aflição.

## 6. Análise literária

Passamos agora a apresentar e a analisar alguns dos elementos narrativos importantes que preenchem e dão vivacidade ao relato em estudo, como os personagens, os marcos temporais e os marcos espaciais.

### 6.1. Personagens

Os personagens de um relato são um dos seus elementos narrativos mais visíveis e essenciais. Normalmente, a acção narrativa desenvolve-se à volta dos personagens, eles «vestem o relato e dão-lhe porte e cor»<sup>75</sup>.

---

<sup>73</sup> Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 17.

<sup>74</sup> Além destas ligações e simbolismos internos à perícopé, se atendermos ao contexto global do evangelho de Marcos, esta estrutura ou divisão ternária tem correspondência com os três anúncios da Paixão, com as três negações de Pedro e com as três “horas” na cruz (a hora da crucifixão – Mc 15,25; a hora das trevas – Mc 15,33; e a hora do abandono, do escárnio e da morte – Mc 15,34-37). Cf. Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, pp. 53.

<sup>75</sup> Daniel MARGUERAT e Yvan BOURQUIN, *Cómo leer los relatos bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, ed. Sal Terrae, Santander 2000, p. 95.

Os personagens podem assumir diferentes papéis na trama e podem ser classificados de acordo com o número (individual ou colectivo), o relevo ou importância na acção (personagem principal/protagonista, personagem secundária, figurante) e a sua composição (personagem plana ou redonda).

Em seguida, vamos procurar apresentar e caracterizar, de forma sucinta e de acordo com os critérios acima apresentados, os personagens que figuram no texto de Mc 14,32-42: Jesus e o grupo dos discípulos.

### 6.1.1. Jesus

Jesus é, claramente, o protagonista deste relato. Trata-se de um personagem individual e redondo. Inserido num momento charneira de todo o evangelho, o personagem Jesus não foge à complexidade da situação e denota um desenvolvimento emocional e comportamental ao longo desta perícopa.

No início do relato, encontramos uma figura dominada pela angústia e pavor (v. 33), perante a certeza do seu destino. Os verbos utilizados para aqui descrever o estado de espírito de Jesus são ἐκ-θαμβέομαι (ser ferido de estupor) e ἀδημονέω (atormentar-se). O primeiro traduz o sentimento de perturbação e medo, que se expressa até fisicamente, diante de algum acontecimento terrível<sup>76</sup>. O segundo – «que provavelmente na sua origem significava separado do povo e da comunidade e, por tanto, isolado e estrangeiro – expressa um estado de grande ansiedade, desassossego e angústia»<sup>77</sup>.

Esta angústia perante o seu destino iminente pode estar relacionada com a ideia da dor física e de uma morte humilhante, ou com um sentimento de abandono daqueles

---

<sup>76</sup> No quadro do Novo Testamento, este é um termo específico de Marcos (cf. Mc 9,15; Mc 16,5-6). Cf. BRUNO MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 20; RAYMOND E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 209.

<sup>77</sup> BRUNO MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 21.

que lhe são mais próximos ou ainda com a incerteza sobre o valor ou sentido da sua morte<sup>78</sup>. Jesus exprime esta angústia no versículo seguinte, quando se dirige aos discípulos e afirma que a sua alma está numa tristeza mortal, uma expressão encontra que paralelo em Sl 42,6, onde o salmista experiencia uma sensação de abandono e afastamento de Deus<sup>79</sup>. Assim também Jesus, que dominado pelo medo, pelo sentimento de abandono, se mostra na sua condição frágil de homem. Procura por isso, a companhia dos três discípulos citados (v. 34), procura na proximidade das relações humanas o consolo que precisa para colmatar a aflição sentida.

Não obstante, Jesus adianta-se um pouco em relação aos discípulos para orar (v. 35). O isolamento para a oração não é novidade no evangelho de Marcos (1,35; 6,46) e está também já referenciado em vários textos do Antigo Testamento (Gn 22,5; Ex 24,2.14; Lv 16,17); mas nesta passagem, além do sentido de afastamento físico, está implícito «que [os discípulos] já não podem acompanhar Jesus quando ele se aproxima da sua hora»<sup>80</sup>. Tudo isto nos parece muito paradoxal: mesmo optando por separar-se deles, pede-lhes contínua e repetidamente que o acompanhem.

Jesus procura um maior recolhimento para orar, afastando-se por isso um pouco dos discípulos, por três vezes consecutivas. Esta numerologia é símbolo de uma oração peculiarmente intensa e carregada de aflição.

Importa ainda atentarmos na postura corporal de Jesus durante a oração (v. 35). É a única vez nos evangelhos que se descreve a postura física de Jesus a orar. A expressão *caiu por terra* revela-se como a manifestação corpórea da angústia que lhe corrói o coração. É um gesto de reverência para com o divino que encontra correspondência no AT, por exemplo em Gn 18,2, e que expressa a oração do humilde,

---

<sup>78</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, pp. 209-210.

<sup>79</sup> Cf. Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, p. 43.

<sup>80</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 221.

do «homem na sua debilidade, mas também na sua verdade, [que] se situa diante da onipotência de Deus»<sup>81</sup>. Não se trata da «oração do desesperado que se desmorona diante do peso da dor»<sup>82</sup>, mas da oração de quem se entrega radicalmente ao Pai, de quem confia totalmente na sua vontade<sup>83</sup>. Apesar do medo, da angústia e das incertezas, Jesus coloca-se diante de Deus.

É ainda no versículo 35 que Marcos narra pela primeira vez, e fazendo uso do discurso indirecto, o conteúdo da oração de Jesus. As semelhanças com a oração no discurso directo, descrita logo a seguir no versículo 36, são notórias<sup>84</sup>.

Essencialmente, na sua oração, Jesus roga a Deus para afastar dele o destino e o sofrimento que se aproximam. Para alguns, pode parecer paradoxal que após ter afirmado na Última Ceia a necessidade da sua morte para a redenção e salvação, Jesus pareça agora querer evitar esse destino. Esta atitude de pedir a Deus que mude o seu juízo, não é assim tao escandalizadora no contexto da Sagrada Escritura. Já no AT esta era uma atitude comum: «não se trata de uma prece de rebelião mas de confiança no amor e na justiça de Deus, que escutará e concederá a petição se esta for compatível com o seu plano»<sup>85</sup>.

Do conteúdo das preces de Jesus destacam-se o emprego dos vocábulos *hora* e *cálice*. O termo *hora* tem um carácter bíblico muito significativo, uma vez que indica um tempo favorável (καιρός), marcado pela acção divina. A *hora* é o momento crucial e conclusivo onde se desvela o sentido final de uma história, uma vida ou uma missão<sup>86</sup>.

---

<sup>81</sup> Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 21.

<sup>82</sup> Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 394.

<sup>83</sup> A prostração é «uma posição que a liturgia ocidental prevê ainda na Sexta-Feira Santa, na Profissão Monástica e também na Ordenação Diaconal e nas Ordenações Presbiteral e Episcopal» (Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 129).

<sup>84</sup> Em Mc 14, 33-34, encontramos também uma combinação de discurso directo com discurso indirecto: os sentimentos de Jesus são descritos inicialmente de forma indirecta e depois de forma directa pela sua própria boca. Ao longo da perícopa deparar-nos-emos com outras situações semelhantes a estas.

<sup>85</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 223.

<sup>86</sup> Cf. Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 22.

Neste caso, a *hora* de Jesus é a concretização da sua missão messiânica, a sua entrega na cruz em prol da salvação humana. O tema da hora, no v. 35, forma uma inclusão com o v. 41, onde Jesus diz aos seus discípulos que chegou a hora em que «o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores».

Sobre o cálice, já falamos anteriormente num ponto deste trabalho. O que se destaca neste relato no Getsémani em relação às outras passagens marcadas onde figura este termo é que nelas Jesus parecia completamente predisposto a beber desse cálice, que é a sua morte, mas agora parece ter dificuldades em encarar de facto o seu destino cada vez mais iminente e pede que o cálice seja afastado. Esta prece de Jesus no v. 36, tem sido visto como «o texto clássico para provar que Jesus tinha uma vontade humana, assim como uma vontade divina»<sup>87</sup>. Aqui se assiste à confrontação no seu estado mais pungente do humano e do divino na pessoa de Jesus Cristo.

Apesar deste confronto interior, Jesus submete-se à vontade do Pai, que Ele na sua oração denomina de *Abbá*. Este é um termo aramaico utilizado pelas crianças para se dirigirem ao seu pai, mas nunca a Deus, e que se pode traduzir como «paizinho». Nesta passagem, o uso do termo «expressa a grande confiança de Jesus em Deus, a sua profunda certeza de ser o Filho amado e a sua ternura»<sup>88</sup>. É a única vez nos evangelhos em que Jesus se dirige a Deus com esta invocação. Assim se percebe a importância do momento e a intimidade filial aí vivida. Bruno Maggioni chega mesmo a afirmar que, neste relato, o centro da experiência de Jesus não é a angústia pela qual Ele passa, mas a firme e terna certeza de ser filho muito amado<sup>89</sup>. Jesus é um homem angustiado, mas porque acima de tudo se sente Filho, confia totalmente e entrega-se nas mãos do Pai.

---

<sup>87</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 227.

<sup>88</sup> Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 22.

<sup>89</sup> Cf. *Ibidem*, p. 29.

Ele não é certamente «escravo de um plano salvífico divino, mas entrega-se à vontade de Abbá com amor livre»<sup>90</sup>.

É esta certeza de Jesus que lhe permite recuperar a serenidade de espírito e a confiança no Pai. Quando, no final do relato, Ele se dirige aos discípulos e os exorta – «Levantai-vos! Vamos!» (v. 42) – percebemos que já não estamos diante do homem profundamente angustiado e petrificado do início, mas somos confrontados com a imagem vibrante do Messias que aceita de forma decidida o seu destino e cumpre de forma generosa e serena a vontade do Pai<sup>91</sup>.

### 6.1.2. Discípulos

São dois os grupos dos discípulos e possuem papéis independentes na trama. O primeiro é denominado de «discípulos» (v. 32) e é aquele grupo inicial que surge a receber uma ordem de Jesus (v. 32b). Não mais parecem assomar no relato em análise e podemos classificá-los como um personagem colectivo, que ocupa o lugar de figurante, já que tem um papel absolutamente passivo. Este grupo é tradicionalmente associado aos Doze (neste caso, apenas onze, sem Judas Iscariotes) tendo em conta as passagens imediatamente anteriores. Porém, para Raymond E. Brown, não existem dados específicos que nos permitam assumir com absoluta segurança que se trata precisamente do grupo dos Doze, à semelhança do que sucede noutras passagens do evangelho de Marcos<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, vol. II, ed. Sígueme, Salamanca 2001<sup>4</sup>, p. 304.

<sup>91</sup> Cf. Fritzleo LENTZEN-DEIS, *Evangelho de Marcos. Modelo de Nova Evangelização*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1997, pp. 385-386.

<sup>92</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, pp. 202-203.

O segundo grupo de personagens é mais restrito e diz respeito aos três – Pedro, Tiago e João – saídos do grupo primitivo, que Jesus toma consigo de acordo com o que nos é descrito no versículo 33. Ao contrário do grupo originário, estamos agora perante um grupo mais recorrente ao longo da perícopie e que, sendo também um personagem colectivo, tem um papel secundário na trama, ainda que muito simples, sem grandes desenvolvimentos ou evolução (personagem plano). Em todo o relato, não encontramos nenhum gesto ou palavra dos discípulos, nem sequer Pedro responde quando interrogado por Jesus (v. 37). Apenas nos é dado conta da sua sonolência por três vezes distintas e de alguns movimentos que correspondem aos imperativos lançados por Jesus no princípio e no final da cena: «ficais aqui» (v. 34) e «levantai-vos» (v. 42)<sup>93</sup>.

Em toda a narração do evangelho de Marcos, estes três discípulos parecem ter um especial destaque em relação ao restante grupo dos Doze. Além desta menção no Getsémani, os três são mencionados também em Mc 5,37-43 (cura da filha de Jairo) e em 9,2-10 (transfiguração de Jesus)<sup>94</sup>. O que une estes três passagens é a presença testemunhal de Pedro, Tiago e João: eles «viram Jesus agir com todo o seu poder em 5,41-42, ouviram Deus apresentá-lo como seu Filho em 9,7, e Jesus dizer que o Filho do homem devia sofrer muito em 9,12; agora [no Getsémani] estão muito próximos dele num momento em que se encontra angustiado e abatido, em que não recebe resposta verbal d’Aquele a quem chama Pai e em que pede para ser liberado da hora ou cálice do sofrimento»<sup>95</sup>. A propósito desta presença testemunhal convém ressaltar a postura de

---

<sup>93</sup> Cf. Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, pp. 26-27.

<sup>94</sup> As cenas do Getsémani e da Transfiguração são particular e recorrentemente comparadas. Algumas das semelhanças que podemos encontrar nelas são: Jesus que toma consigo Pedro, Tiago e João em ambos os casos; o espaço em que as duas cenas se passam é do mesmo tipo, um monte; no texto da transfiguração, é descrito que, diante de Jesus transfigurado, Pedro «não sabia que dizer, pois estavam [os discípulos] assombrados» (9,6), analogamente diante de Jesus no Getsémani, os discípulos também «não sabiam que responder-lhe» (14,40); por fim, na transfiguração é revelado por Deus aos discípulos que Jesus é o seu «Filho muito amado» (9,7), e no Getsémani, Jesus dirige-se a Deus como «Abbá, Pai» (14,36).

<sup>95</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 208.

Pedro no Getsémani que, quando deveria estar vigilante de acordo com o pedido de Jesus (v. 34), não é sequer capaz de se manter acordado uma hora (v. 37), ele que a caminho do Monte das Oliveiras tinha afirmado com veemência e ardor estar disposto a morrer com Jesus (14,31) – aqui «a negação avança já, por antecipação, as suas sombras»<sup>96</sup>. Também Tiago e João, que em Mc 10,35-38 se consideraram aptos e preparados para beber o mesmo cálice que Jesus, revelam-se agora incapazes de vigiar e de o acompanhar naquela hora de angústia e aflição.

Assim se começa a desenhar de forma cada vez mais nítida a imagem de debilidade e de fracasso dos discípulos que sempre acompanharam Jesus, que assistiram aos seus gestos mais miraculosos, que testemunharam em primeira mão o início da chegada do Reino de Deus. Estes discípulos «não poderão agora ser testemunhas de como, na sua entrega à morte, se revela a sua verdadeira identidade de Filho»<sup>97</sup>, pois são incapazes de assumir as exigências de seguir Jesus. Símbolo disso mesmo é a sonolência por eles demonstrada, que aponta para uma total incompreensão ante a experiência vivida por Jesus naquele momento e prova que eles não estavam preparados para a hora da provação, cada vez mais próxima. Também nesse sentido, encontramos no versículo 37, pela boca de Jesus, a forma verbal ἰσχυσας, que não indica apenas a capacidade e vigor físicos, mas também a fortaleza de espírito<sup>98</sup>, que os discípulos parecem não demonstrar.

A imagem de debilidade dos discípulos apresentada por Marcos, parece ganhar ainda mais força se atentarmos ao versículo 38, às palavras de Jesus exortando-os a estar vigilantes e a orar para não cederem à tentação. Apesar de Jesus continuar a incitar e a animar os discípulos, transparecendo assim esperança e confiança para com eles

---

<sup>96</sup> Fritzeo LENTZEN-DEIS, *Evangelho de Marcos. Modelo de Nova Evangelização*, p. 387.

<sup>97</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 77.

<sup>98</sup> Cf. Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 23.

(mesmo estando consciente da sua iminente fuga e dispersão), alerta-os também para o perigo da tentação (πειρασμός<sup>99</sup>). Na construção da frase «para não cederdes à tentação», utiliza-se no texto grego ἵνα μὴ com um aoristo de conjuntivo, o que indica que não ceder à tentação seria a finalidade da vigilância e o conteúdo da oração que Jesus lhes pede<sup>100</sup>.

Ainda no mesmo versículo, Jesus, continuando a dirigir-se aos discípulos, afirma que «o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil». A dicotomia espírito e carne pode ter variadíssimos sentidos, consoante as múltiplas tradições em que surge. Segundo Raymond E. Brown, a dicotomia presente em Mc 14,37 segue de perto a tradição de Qumran atestada pelos manuscritos do Mar Morto. Neste contexto específico, o espírito «cheio de ardor» mencionado no relato não é uma referência ao Espírito Santo concedido por Deus, mas trata-se do espírito humano que permite ao ser humano conformar a sua vontade com o plano divino. Por seu turno, a carne não conduz obrigatoriamente ao pecado, porém é o meio usado frequentemente por Satanás para afastar os homens de Deus, sendo dessa forma espelho da debilidade e fraqueza humanas<sup>101</sup>. Esse é o sentido da expressão «a carne é débil» utilizada por Jesus e que caracteriza a situação existencial dos discípulos naquele momento<sup>102</sup>.

Outra prova desta debilidade pode ser encontrada no versículo 40 quando é mencionado que os olhos dos discípulos estavam pesados. Isto remete-nos para Gn 48, 10, onde encontramos uma referência aos olhos enfraquecidos de Jacob, manifestação

---

<sup>99</sup> O termo πειρασμός poderá entender-se mais no sentido de provação do que propriamente tentação, uma vez que «a tentação nunca vem de Deus, a provação sim» (*Ibidem*, p. 24).

<sup>100</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, pp. 257-258.

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, p. 260.

<sup>102</sup> Cf. R. S. BARBOUR, «Gethsemane in the Tradition of the Passion», in *New Testament Studies*, vol. 16 (1970), p. 243.

da sua velhice e fraqueza. No caso dos discípulos, «a sua natural sonolência nada mais é do que a manifestação externa de uma cegueira não física, religiosa»<sup>103</sup>.

## 6.2. *Espácio-temporal*

A análise dos dados espácio-temporais permite-nos, de uma forma mais completa, reconstruir e compreender o ambiente próprio em que se desenrola a história relatada. Esses elementos narrativos ajudam muitas vezes a desvelar o sentido da própria acção ou a contextualizá-la, para melhor nos embrenharmos nela.

Neste ponto do nosso trabalho, iremos expor de forma breve esses marcos de temporalidade e espacialidade. Alguns elementos já foram sendo abordados ao longo deste nosso estudo, de modo que agora focaremos apenas outros que consideramos pertinentes para a compreensão do trabalho geral.

### 6.2.1. Marcas espaciais

Quanto ao espaço, como já vimos, a acção desta perícopé passa-se toda por completo no Getsémani (v. 32), um lugar situado no Monte das Oliveiras, ao largo de Jerusalém.

Também já foi referida anteriormente a deslocação de Jesus e dos seus discípulos desde Jerusalém, onde tinham celebrado a Páscoa, até este local. Segundo os costumes judaicos, na noite de Páscoa ninguém podia sair de Jerusalém<sup>104</sup>. No entanto,

---

<sup>103</sup> Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, p. 49.

<sup>104</sup> Parece que este costume tem origem no preceito de Ex 12,22, a propósito da páscoa da saída do Egipto, segundo o qual aqueles que tivessem celebrado a Páscoa não poderiam sair de casa até ao dia seguinte, e em Ne 13,19, onde é sublinhada a observância do sábado e a impossibilidade de sair de Jerusalém durante esse dia.

com o objectivo de dar abrigo às grandes multidões de peregrinos forasteiros que naquela data se encontravam na cidade, os limites da mesma eram ampliados por ocasião da Páscoa e incluíam todos os lugares situados entre Jerusalém e Betfagé (mas não Betânia, que era o lugar habitual de hospedagem de Jesus quando se encontrava naquela área). Como isso abarcava também o Monte das Oliveiras, conclui Josef Schmid que Jesus não violou nenhum preceito da *halaka* (lei e rituais judaicos) quando para lá se dirigiu naquela noite com os discípulos<sup>105</sup>.

Podemos ainda ater-nos ao simbolismo inerente ao Monte das Oliveiras, que pode ser encontrado noutras cenas veterotestamentárias (2 Sm 15,30; 1 Rs 11,7; 2 Rs 23,13; Zac 14,4). Veja-se, em particular, o caso de 2 Sm 15,30 em que a história da fuga de Jerusalém do rei David se assemelha à passagem neotestamentária de Jesus no Getsémani. No primeiro caso, David, que sai de Jerusalém angustiado, encontra no Monte das Oliveiras refúgio seguro para se esconder do inimigo; no segundo caso, Jesus encontra ali um local de reconforto diante da hora da angústia que se aproximava. Em ambos os casos, os personagens encontram aí um local por excelência para a oração e a adoração de Deus. O último ponto de ligação entre as duas passagens refere-se ao traidor, uma vez que tanto Jesus como David são traídos por amigos íntimos e de confiança – Jesus é traído por Judas Iscariotes, um dos Doze, e David por Aitofel, seu conselheiro.

Além desta referência espacial explícita ao Getsémani, no texto encontramos apenas mais algumas expressões que nos dão uma pequena noção do espaço onde se desenrola toda a acção. Essas expressões ajudam-nos a melhor visualizar os movimentos dos personagens durante o relato e são elas:

---

<sup>105</sup> Cf. Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, pp. 391-392.

<b>v. 32</b>	«ficai aqui»
<b>v. 33</b>	«tomando consigo»
<b>v. 35</b>	«adiantando-se um pouco»
<b>v. 37</b>	«foi ter com os discípulos»
<b>v. 39</b>	«retirou-se de novo»
<b>v. 40</b>	«voltando de novo»
<b>v. 41</b>	«voltou pela terceira vez»

Supõe-se que o advérbio ὧδε (aqui) do versículo 32, onde Jesus manda os discípulos sentar, se refira ao início do terreno no qual se encontravam. Em relação à forma verbal παραλαμβάνει (tomando consigo), no versículo seguinte, alguns autores argumentam que esta não indica verdadeiramente uma movimentação desde o local inicial onde Jesus estava com os discípulos e que, por isso, Pedro, Tiago e João permaneceram sempre junto dos restantes discípulos. Isto porque, das três vezes em que Jesus volta depois da sua oração (vv. 37.40.41), parece sempre haver uma menção mais abrangente a todos os discípulos e não apenas ao subgrupo dos três<sup>106</sup>. No entanto, se atentarmos a outras duas passagens no evangelho de Marcos onde surge esta forma verbal (Mc 5,40 e 9,2), percebemos que, por analogia, aqui o narrador quis efectivamente indicar que Jesus se afastou um pouco com Pedro, Tiago e João em relação ao primeiro grupo dos discípulos. Estranho é que logo de seguida a esta primeira separação, é-nos dito que Jesus se adiantou um pouco (v. 35), desta vez do subgrupo que tinha acabado de tomar consigo. Mas, mais uma vez, é necessário ter em conta que aquilo que parece ser uma incongruência de Marcos tem na verdade o objectivo de dramatizar toda a situação, de forma a descrever com mais pormenor o progressivo

---

<sup>106</sup> Isto é mais evidente no final da perícopa, nos vv. 41-42, nas recomendações que Jesus faz aos discípulos. Parece-nos claramente que estas são dirigidas ao grupo alargado dos discípulos e não apenas a Pedro, Tiago e João.

afastamento de Jesus em relação àqueles que lhe eram mais próximos<sup>107</sup>, indicando assim a solidão e angústia cada vez maiores que Ele experienciava na iminência da sua Paixão.

### 6.2.2. Marcas temporais

No que diz respeito aos tempos da acção, as referências cronológicas que encontramos no texto bíblico podem esclarecer «sobre o momento em que se desenvolveu a acção, ou sobre a duração de um processo; mas também podem designar o género de tempo no interior do qual tem lugar a acção (à noite, no inverno, o sábado, etc.)»<sup>108</sup>.

Consequentemente, sabemos que este relato tem lugar de noite, mais precisamente na noite da páscoa judaica (14 de Nisan), de acordo com o que é possível apurar dos relatos antecedentes, após a ceia de Jesus com os seus discípulos, na cidade de Jerusalém.

O termo «hora» (ὥρα, em grego) surge nesta passagem por três vezes. Se em 14,35 e 14,41 vimos já anteriormente que acarreta toda uma simbologia escatológica, mais do que uma referência literal cronológica, no versículo 37 este termo parece levantar algumas dúvidas. Quando da primeira vez que Jesus volta para junto dos discípulos e os encontra a dormir, questiona Simão Pedro sobre a sua incapacidade de vigiar sequer uma hora. Isto parece implicar que o primeiro acto da oração de Jesus tenha durado uma hora inteira<sup>109</sup>. E nessa linha, muitos autores entendem aqui o termo *hora* no seu sentido puramente histórico ou cronológico. Mas se atentarmos ao contexto

---

<sup>107</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, pp. 207.255.

<sup>108</sup> Daniel MARGUERAT e Yvan BOURQUIN, *Cómo leer los relatos bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, p. 130.

<sup>109</sup> Cf. Josef SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 395.

da expressão, e tendo em conta as outras referências deste termo, é possível associar-lhe também desta vez um sentido escatológico. «Ao repreendê-los [aos discípulos] sobre essa hora que não velaram, ele [Jesus] pensa em algo mais do que um determinado espaço de tempo»<sup>110</sup>: trata-se da hora da provação (πειρασμός), a hora da qual Jesus pediu ao Pai para se afastar e sobre a qual continua a orar. Por isso é que Ele vem por diversas vezes junto dos discípulos instigá-los de forma semelhante a vigiar e a orar.

Outras marcas temporais são-nos dadas através dos modos e tempos verbais utilizados na redacção do texto. E embora não nos forneçam detalhes exactos sobre a duração da acção ou de determinados momentos, podem auxiliar na compreensão da sucessão e contiguidade dos acontecimentos relatados nesta perícopie.

Nesse sentido, destacam-se os verbos no presente histórico e no imperfeito (ainda que existam também alguns aoristos). O presente histórico torna a narração viva e incisiva, transmite a imediatez dos factos e da acção, enquanto o imperfeito distende a narração, acentua a duração e a repetição dos acontecimentos<sup>111</sup>.

O verbo λέγω (dizer), por exemplo, surge cinco vezes, correspondendo a cinco intervenções de Jesus. Quatro delas são dirigidas aos discípulos e, no texto grego, encontram-se sempre no presente. A outra intervenção de Jesus dirige-se a Deus, no contexto da oração, e o verbo surge no imperfeito e não no presente, acentuando dessa forma a continuidade e repetição da oração feita por Jesus. Do mesmo modo, os imperfeitos usados no versículo 35 no texto primitivo grego – «ἔπιπτεν ἐπὶ τῆς γῆς, καὶ προσήχετο ἵνα εἰ δυνατόν ἐστὶν παρέλθῃ ἀπ' αὐτοῦ ἡ ὥρα» (prostrava-se sobre a terra, e rezava para que se fosse possível passasse dele aquela hora) –, não são acidentais, mas têm o propósito de salientar mais uma vez a intensidade e repetição daquela oração.

---

<sup>110</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 257.

<sup>111</sup> Cf. Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 18.

Por último, importa destacar a abundância de imperativos presentes nesta perícope, usados por Jesus em todas as suas intervenções dirigidas aos discípulos. Damos especial enfoque à expressão do versículo 34, «fikai aqui e vigiai», onde o primeiro imperativo que encontramos (*fikai*) está no aoristo, sugerindo assim uma acção pontual no tempo, e o segundo imperativo está no presente, indicando pelo contrário uma acção continuada no tempo. O objectivo de Jesus seria que os discípulos permanecessem continuamente vigilantes.

## 7. Compêndio dos relatos neotestamentários da “oração no Getsémani”

De forma a encerrar este capítulo, consideramos pertinente apresentar também um breve compêndio de todas as versões existentes da passagem de Jesus a orar no Getsémani. De acordo com Joseph Ratzinger, no total, encontramos a oração de Jesus em cinco locais distintos da Bíblia: nos três evangelhos sinópticos (cf. Mt 26,36-46; Mc 14,32-42; Lc 22,39-46), numa breve referência no evangelho de João (cf. Jo 12,27-28) e num texto bastante peculiar da Carta aos Hebreus (cf. Heb 5,7-10)<sup>112</sup>.

Apresentamos, antes de mais, um quadro comparativo destes cinco textos:

<b>Mt 26,36-46</b>	<b>Mc 14,32-42</b>	<b>Lc 22,39-46</b>	<b>Jo 12,27-28</b>	<b>Heb 5,7-10</b>
<sup>36</sup> Entretanto, Jesus com os seus discípulos chegou a um lugar chamado Getsémani e disse-lhes: «Sentai-vos aqui, enquanto Eu vou além orar.» <sup>37</sup> E, levando consigo Pedro e os	<sup>32</sup> Chegaram a uma propriedade chamada Getsémani, e Jesus disse aos discípulos: «Fikai aqui enquanto Eu vou orar.» <sup>33</sup> Tomando consigo Pedro,	<sup>39</sup> Saiu então e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras. E os discípulos seguiram também com Ele. <sup>40</sup> Quando chegou ao local, disse-lhes: «Orai, para	<sup>27</sup> Agora a minha alma está perturbada. E que hei-de Eu dizer? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente para	<sup>7</sup> Nos dias da sua vida terrena, apresentou orações e súplicas àquele que o podia salvar da morte, com

<sup>112</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 128.

<p>dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se.</p> <p><sup>38</sup>Disse-lhes, então: «A minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e vigiai comigo.»</p> <p><sup>39</sup>E, adiantando-se um pouco mais, caiu com a face por terra, orando e dizendo: «Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres.»</p> <p><sup>40</sup>Voltando para junto dos discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo! <sup>41</sup>Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil.»</p> <p><sup>42</sup>Afastou-se, pela segunda vez, e foi orar, dizendo: «Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a tua vontade!»</p> <p><sup>43</sup>Depois voltou e encontrou-os novamente a dormir, pois os seus olhos estavam pesados.</p> <p><sup>44</sup>Deixou-os e foi orar de novo pela terceira vez,</p>	<p>Tiago e João, começou a sentir pavor e a angustiar-se. <sup>34</sup>E disse-lhes: «A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai.»</p> <p><sup>35</sup>Adiantando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora.</p> <p><sup>36</sup>E dizia: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres.»</p> <p><sup>37</sup>Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Simão, dormes? Nem uma hora pudeste vigiar! <sup>38</sup>Vigiai e orai, para não cederdes à tentação; o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil.»</p> <p><sup>39</sup>Retirou-se de novo e orou, dizendo as mesmas palavras.</p> <p><sup>40</sup>E, voltando de novo, encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados; e não sabiam que responder-lhe.</p> <p><sup>41</sup>Voltou pela terceira vez e disse-lhes: «Dormi agora e</p>	<p>que não entreis em tentação.»</p> <p><sup>41</sup>Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de pedra, aproximadamente; e, pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: <sup>42</sup>«Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.»</p> <p><sup>43</sup>Então, vindo do Céu, apareceu-lhe um anjo que o confortava.</p> <p><sup>44</sup>Cheio de angústia, pôs-se a orar mais instantemente, e o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra. <sup>45</sup>Depois de orar, levantou-se e foi ter com os discípulos, encontrando-os a dormir, devido à tristeza. <sup>46</sup>Disse-lhes: «Porque dormis? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação.»</p>	<p>esta hora é que Eu vim! <sup>28</sup>Pai, manifesta a tua glória!»</p> <p>Veio, então, uma voz do Céu: «Já a manifestei e voltarei a manifestá-la!»</p>	<p>grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da sua piedade. <sup>8</sup>Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu <sup>9</sup>e, tornado perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna, <sup>10</sup>tendo sido proclamado por Deus Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec.</p>
--	---	--	--	---

repetindo as mesmas palavras. <sup>45</sup> Reunindo-se finalmente aos discípulos, disse- lhes: «Continuai a dormir e a descansar! Já se aproxima a hora, e o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. <sup>46</sup> Levantai-vos, vamos! Já se aproxima aquele que me vai entregar.»	descansai! Pois bem, chegou a hora. Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. <sup>42</sup> Levantai-vos! Vamos! Eis que chega o que me vai entregar.»			
---	--	--	--	--

Como facilmente percebemos, os textos de Mateus, Marcos e Lucas são os que mais se assemelham, sendo que Mateus e Marcos são praticamente iguais. Isto justifica-se com o facto de que, segundo Raymond E. Brown, Mateus conhecia o relato da paixão de Marcos e seguiu-o tão de perto ao escrever o seu que muitas vezes não existem quaisquer diferenças entre ambas as narrações<sup>113</sup>. Os temas, a estrutura, as palavras e frases de Mateus são uma reprodução quase totalmente fiel da perícopie de Marcos, pois ele faz uso do mesmo esquema ternário (a oração e o ir e vir de Jesus por três vezes) e a tensão entre Jesus e os discípulos também está muito presente. Ainda assim, é possível encontrar pequenas diferenças no relato de Mateus, que acentuam algumas divergências teológicas: à semelhança de Marcos, o primeiro evangelista considera Jesus o protagonista deste relato, mas procura realçar isso ainda mais, substituindo a frase inicial de Marcos – «chegaram a uma propriedade» – por «Jesus com os seus discípulos

---

<sup>113</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 105.

chegou a um lugar». A centralidade de Jesus é absoluta em Mateus: Ele é o sujeito de todas as frases, em todo o relato.

Ao descrever o estado de espírito de Jesus, Mateus também altera o dramático verbo ἐκθαμβεῖσθαι (sentir pavor) de Marcos pelo verbo λυπεῖσθαι (estar triste), suavizando a postura de Jesus, que embora triste e angustiado, não se encontra petrificado<sup>114</sup>. Na oração de Jesus, em Mateus, também encontramos algumas diferenças: aqui Jesus cai com a face por terra, não se prostra como em Marcos, atenuando assim mais uma vez o estado de alma em que Ele se encontra; em Mateus as temáticas do cálice e da hora estão separadas, o cálice é referido no conteúdo da oração de Jesus e a hora é apenas mencionada no instante final da cena, quando se aproxima o traidor e o momento da entrega às mãos dos pecadores.

Analisando o relato lucano, também percebemos esta dependência em relação a Marcos, pois muitos dos versículos encontram-se aí reproduzidos. No entanto, e apesar desta proximidade existente, alguns versículos não têm nenhuma ligação ou correspondência. É o caso, por exemplo, do versículo de Lucas acerca do anjo confortador (v. 43), que constitui uma novidade relativamente ao relato de Marcos. E ainda a referência, no meio da oração angustiada, ao suor que se tornou como «grossas gotas de sangue» (v. 44). No que toca à postura de Jesus durante a oração, aqui também é diferente: Ele encontra-se de joelhos. Mais uma vez, a imagem do Senhor Jesus aparece aqui suavizada e numa postura mais comum e normal para os cristãos da altura.

Notemos também que em Lucas, sendo um relato mais breve, não encontramos a divisão ternária que assinalamos em Marcos, com os três momentos de oração e o regresso de Jesus para junto dos discípulos, que de todas essas três vezes estavam a dormir. Somente uma vez é mencionado que os discípulos estavam adormecidos; e a

---

<sup>114</sup> Cf. Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, pp. 34-35.

causa avançada pelo narrador – «devido à tristeza» (v. 45) – poderá ser um indicador da visão mais benévola e amável que Lucas tem, de forma geral, no seu evangelho para com os discípulos em comparação com Marcos.

Neste relato de Lucas, também são omitidos o nome do lugar Getsémani e o *Abbá* da oração de Jesus, «o que é coerente com a sua tendência para evitar expressões aramaicas»<sup>115</sup>. Omissa está ainda a expressão de Marcos «a minha alma está numa tristeza mortal» (Mc 14,34), talvez por a cristologia de Lucas não aceitar tão facilmente as debilidades humanas de Jesus que na cristologia marcana estão bem presentes. A palavra que Lucas utiliza para caracterizar o estado de espírito de Jesus é *agonia* (ainda que na tradução portuguesa se traduza por *angústia*). Este termo «expressa o estado de tensão do atleta antes da iminência da corrida ou no momento em que, já perto da meta, reúne todas as suas energias no último esforço para alcançá-la»<sup>116</sup>. É precisamente este o sentido que Lucas pretende dar: um Jesus tenso, apreensivo e voltado para si mesmo. Por fim, notamos que o tema da vigilância encontrado no relato de Marcos, não é em Lucas explorado. Antes, o evangelista insiste no tema da provação ou tentação (*πειρασμός*), incitando os discípulos a orar para não entrar em tentação, ao iniciar e ao findar o relato.

A referência joanina à oração de Jesus no Monte das Oliveiras tem um contexto consideravelmente diferente do dos relatos sinópticos. Em João, esta referência encontra-se inserida na colecção dos discursos proferidos por Jesus no Templo, depois da entrada triunfal em Jerusalém e antes da perícopre da última ceia, e limita-se a aludir à alma perturbada de Jesus e a reproduzir o debate interno entre o pedir ou não ao Pai que o salvasse daquela hora e a prece que depois lhe dirige. Aqui, tal como em Lucas, ao contrário do silêncio percebido em Marcos e Mateus, Deus responde à prece do seu

---

<sup>115</sup> Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 118.

<sup>116</sup> Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 43.

Filho: em Lucas, enviando o anjo confortador, em João mediante uma voz vinda do Céu (cf. Jo 12,28). Mais adiante no texto, em Jo 18,1, é relatada a ida de Jesus com os seus discípulos do lugar da ceia pascal até à zona este de Jerusalém, onde se dá a sua prisão. Trata-se do mesmo lugar mencionado em Marcos, o Monte das Oliveiras e o lugar do Getsémani, mas em João a indicação dada é «o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um horto».

No que diz respeito ao texto da Carta aos Hebreus, é necessário começar por esclarecer que ele tem origem numa tradição independente da dos evangelhos, uma vez que várias das acções realizadas por Jesus ou das quais ele é objecto que aqui são descritas não têm correspondência com nenhuma das acções descritas nos relatos da paixão de nenhum dos evangelhos<sup>117</sup>. É o caso, por exemplo, de «apresentou orações e súplicas (...), com grande clamor e lágrimas» (v. 7); «foi atendido» (v. 7); «aprendeu a obediência por aquilo que sofreu» (v. 8); e «tornado perfeito» (v. 9). Porém, é possível mesmo assim encontrar alguns pontos de semelhança entre este texto e os relatos da oração no Getsémani encontrados nos evangelhos. Apresentamos, em seguida, de forma sintetizada, alguns dos conteúdos paralelos entre os evangelhos e o texto da Carta aos Hebreus.

Um desses pontos de ligação é a questão da filiação divina: a oração de Jesus sobre o cálice nos sinópticos é dirigida ao Pai; a Carta aos Hebreus apresenta Jesus como Filho de Deus. A expressão do versículo 7 de Hebreus «nos dias da sua vida terrena» (no texto primitivo grego, encontramos «nos dias da sua carne») poderá ter relação com a declaração de Marcos/Mateus «o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil». Esta perícopé fala de orações e súplicas apresentadas a Deus com grande clamor e lágrimas. Apesar de, nos evangelhos, nunca ser mencionada a palavra

---

<sup>117</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, pp. 294-295.

*lágrimas*, Jesus é descrito como tendo a alma perturbada, triste e angustiada. E, tal como em Lucas e João, é-nos descrita a resposta divina à oração de Jesus (o anjo confortador e a voz vinda do Céu, respectivamente), também na Carta aos Hebreus é referido que Jesus «foi atendido» (v. 7). Por fim, sublinhamos o paralelo existente entre a expressão «aprendeu a obediência por aquilo que sofreu» (Heb 5,8) e a expressão de Jesus nos três sinópticos declarando que se faça não a sua vontade, mas a de Deus (cf. Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42).

Em suma, o principal ponto que se destaca no relato de Marcos em relação aos restantes textos supracitados é a questão do discipulado, bastante enfatizada no segundo evangelho. Ao contrário de Lucas e Mateus, em Marcos os discípulos são retratados de forma mais dura e negativa. Nesta perícopie específica, eles ocupam um papel importante, ainda que se constituam como uma antítese ao comportamento de Jesus.

Outros dos temas que se destacam na narrativa de Marcos são o da oração, o da confiança na vontade de Deus e o da vigilância. Interligadas, estas três atitudes surgem como pedra alicerce para a fidelidade dos discípulos à missão dada por Jesus e constituem-se como o modelo mais acurado da figura discipular que Marcos procura inculcar nos seus destinatários e leitores.

## **CAPÍTULO III – CAMINHOS PARA O DISCIPULADO EM MARCOS**

A questão do discipulado é, a par da cristologia, o foco principal de Mc 14,32-42, não fosse o próprio evangelho de Marcos um verdadeiro «manual de aprendiz do discípulo»<sup>118</sup>. Efectivamente, da teologia do segundo evangelho destaca-se a dinâmica do caminho e do seguimento de Jesus. Por isso é que o evangelista, num primeiro momento, se centra na identidade de Jesus: é importante que o discípulo conheça verdadeiramente o seu Mestre, se coloque diante dele, e assim comece a sintonizar a vida com Jesus, tomando-o como modelo. Num segundo momento, o leitor é confrontado com a questão da identidade do discípulo e da experiência do seguimento de Jesus.

No evangelho de Marcos, todas as personagens são, de certa forma, cotejadas de modo cerrado e insistente com a pessoa de Cristo, para conseqüentemente tomarem uma posição face a Ele. Também a caracterização dos discípulos neste evangelho só é possível se atendermos à sua relação com Jesus. É aí que eles se definem. O verdadeiro discípulo para Marcos é aquele que se esforça por viver como Jesus viveu, assumindo, acima de tudo e quando necessário, o caminho da Cruz.

É nessa linha que abordamos o relato da oração de Jesus no Getsémani, focando-nos na postura dos discípulos. A partir daqui, mas procurando obviamente outras referências ao longo do evangelho marciano, pretendemos fazer emergir um modelo de discipulado. Não se trata apenas de uma análise e caracterização dos Doze que acompanhavam Jesus, mas de procurar actualizar para os cristãos de hoje a figura e a identidade do discípulo, que todos somos convidados a personificar.

---

<sup>118</sup> Mario GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 5.

Assim, consideramos pertinente, num primeiro momento, abordar de uma forma mais ampla a temática do discipulado no evangelho de Marcos, para posteriormente, e tendo por base a perícopa que estudámos, nos lançarmos num esboço do perfil do discípulo, realçando algumas atitudes próprias de um verdadeiro seguidor de Cristo.

## **1. O caminho discipular no evangelho de Marcos**

A palavra *discípulos* surge 43 vezes em todo o evangelho de Marcos e sempre no plural, indicando que um discípulo só o é verdadeiramente se estiver integrado numa comunidade, em comunhão com outros e com o próprio Cristo<sup>119</sup>. Daqui concluímos que os discípulos ocupam um lugar preponderante na narrativa de Marcos. Como grupo, «são um personagem complexo, cujas atitudes evoluem à medida que avança a narração»<sup>120</sup>. Por esse motivo, apresentam-se como uma figura e presença dinâmicas e que podem ser analisadas de diversas perspectivas.

Desde o primeiro momento do ministério de Jesus que os discípulos estão presentes. Em todo o relato de Marcos, e pelo menos até à fuga dos discípulos descrita em Mc 14,50, estes raramente abandonam Jesus ou se afastam por muito tempo, exceptuando breves separações em 1,35; 6,12 e 6,45<sup>121</sup>. Prova desta presença contínua dos discípulos é o facto de muitas das acções de Jesus, ao longo do evangelho, serem descritas com recurso a verbos no plural, passando a ideia de que está sempre acompanhado<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> Cf. D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, pp. 100-101.

<sup>120</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 13.

<sup>121</sup> Cf. D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 97.

<sup>122</sup> Veja-se, por exemplo, Mc 1,21 – «entraram em Cafarnaúm»; Mc 1,29 – «saindo da sinagoga, foram para casa de Simão e André»; também Mc 5,1 – «chegaram à outra margem do mar»; ou ainda Mc 8,22 – «chegaram a Betsaida».

Logo no início do evangelho, surge o relato do chamamento dos discípulos, que, no fundo, se configura como um relato vocacional dirigido a todos os cristãos. Por este motivo, Xabier Pikaza define Marcos como o «livro fundador da vocação cristã»<sup>123</sup>. Neste relato, Jesus convida aqueles pescadores a irem com Ele/atrás d'Ele, a seguirem-no, apresentando-lhes o projecto que tem para eles: serem «pescadores de homens» (Mc 1,17), colaborando no anúncio do Reino. Mais adiante, deparamo-nos com outro chamamento, o do publicano Levi, que se encontrava no seu posto de cobrança e a quem Jesus lança o convite a segui-lo (cf. Mc 2,13). *Ir atrás de* ou *seguir* alguém tem um significado muito forte em toda a Escritura<sup>124</sup> e «utilizava-se no Judaísmo do tempo de Jesus para descrever a relação entre um líder e os seus seguidores»<sup>125</sup>. Consequentemente, neste caso, indica um seguimento real e consistente, passo a passo, uma adesão pessoal a Cristo e ao seu *modus vivendi*.

Toda a vida discipular tem a sua origem neste chamamento. Ser discípulo é precisamente responder ao convite inicial de Jesus com gestos e atitudes concretas no quotidiano, é fixar-se no Mestre, ir atrás dele, aprendendo pouco a pouco o mesmo caminho. Todo o crente deve sentir-se incluído nesta descrição, já que a sua existência e vocação cristã se inscrevem nesta dinâmica. Estes primeiros discípulos são uma «exemplificação eclesial»<sup>126</sup>, sinal e protótipo de todos os homens e mulheres que Jesus chamou e continua a chamar no decurso da história e da vida da Igreja. Por este motivo, eles surgem no texto sem qualquer apresentação ou referência prévia, o leitor não é preparado para a sua entrada em cena, não lhe é explicado o seu passado ou história de vida anterior a Jesus.

---

<sup>123</sup> Xabier PIKAZA, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1996, p. 21.

<sup>124</sup> Cf. Ex 13,21; Dt 8,2; 13,2-5; 1 Rs 14,8; 2 Rs 23,3; Jr 2,2.

<sup>125</sup> Santiago GUIJARRO OPORTO, «“Vete detrás de mí, Satanás”. Exégesis y traducción de Mc 8,33c (par. Mt 16,23b)», in *Salmanticensis* 58 (2011), p. 12.

<sup>126</sup> Xabier PIKAZA, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, p. 43.

Não importa qual o *background* dos discípulos, a sua condição social e familiar, a sua idade, a sua ideologia política, pois é no chamamento e seguimento de Jesus que eles ganham a sua verdadeira identidade: acima de tudo, definem-se como discípulos que querem viver nas pegadas do Mestre e, assim, «o reino de Deus que está próximo e a relação com Jesus que o anuncia convertem-se desde esse momento no novo marco de referência para as suas vidas»<sup>127</sup>. Dessa forma, vemos também a necessidade da ruptura radical que se impõe pelo seguimento de Jesus: Simão e André abandonam imediatamente as redes; Tiago e João deixam o barco, o pai, os assalariados; Levi abandona o seu posto e recebe Jesus em sua casa com uma refeição. Todos eles renunciam à vida passada para acompanharem Jesus no anúncio do Reino – «trata-se de uma mudança totalmente aberta ao destino com Cristo»<sup>128</sup>. Aqui se destaca precisamente a prontidão da resposta ao convite de Jesus, expressa no duplo uso que o narrador faz do advérbio *imediatamente* (εὐθὺς), no caso do chamamento dos pescadores. Nenhum deles conhecia Jesus, mas mesmo assim atrevem-se a deixar tudo para segui-lo.

Nestes primeiros capítulos de Marcos, aquilo que mais se evidencia da relação de Jesus com os seus discípulos é uma profunda união, já que estes constituem a partir de então a sua nova família (cf. Mc 3,31-35)<sup>129</sup>. Além da presença constante junto do Mestre, note-se que «as suas atitudes concordam com a prática de vida de Jesus e com os seus ensinamentos»<sup>130</sup>. A imagem com que ficamos destes primeiros discípulos e do seu comportamento é de entusiasmo e empenho no caminho que o Mestre lhes propõe.

---

<sup>127</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 41.

<sup>128</sup> Mario GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 34.

<sup>129</sup> Sobre a questão dos discípulos e da família, sugere-se a leitura de John PAINTER, «When is a House not a Home? Disciples and family in Mark 3.13-35», in *New Testament Studies*, vol. 45 (1999), pp. 498-513. Aqui o autor desenvolve a tese de que Jesus neste texto de Marcos redefine o discipulado nos termos das relações familiares.

<sup>130</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 44.

O seu despojamento total para seguir a Cristo e para aprender dele, a confiança e o poder que lhe reconhecem, a admiração e a dedicação com que o acompanham, fruto provavelmente dos milagres por Ele operados (curas e expulsões de espíritos impuros), levam o leitor a ver neste primeiro grupo de discípulos um exemplo de seguimento e discipulado.

Outro momento-chave da questão discipular em Marcos é a eleição dos Doze, relatada em Mc 3,13. Depois do chamamento dos primeiros discípulos, muitos começaram a seguir Jesus, pois reconheciam o seu poder e procuravam ouvi-lo. Jesus sobe então a um monte e chama aqueles que queria, estabelecendo um grupo mais restrito de doze que o irão acompanhar na sua tarefa messiânica.

Esta passagem tem vários paralelos veterotestamentários, a saber: primeiro, a subida ao monte, lugar da revelação de Deus, que se assemelha ao «gesto de Moisés que sobe à montanha para receber as leis fundadoras do seu povo (cfr. Ex 19-34)»<sup>131</sup>. Neste sentido, Jesus assume aqui a figura moisaica, ao elevar-se para convocar e estabelecer um novo Israel escatológico e os seus representantes. Segundo, o paralelo entre a eleição dos Doze e a instituição das doze tribos de Israel: os discípulos agora escolhidos por Jesus são imagem do novo Israel. O grupo dos Doze aponta para um novo povo, primícia da Igreja, um novo e verdadeiro Israel, cumprimento do antigo. A própria expressão usada no texto primitivo grego para indicar que Jesus estabeleceu doze para estarem com Ele é ἐποίησεν, fórmula de criação<sup>132</sup>, que indica precisamente o estabelecimento do novo povo de Deus.

Podemos ainda realçar um outro aspecto particularmente interessante nesta perícope da escolha dos Doze: a dimensão comunitária do seguimento. Se o chamamento inicial pareceu ter um cunho mais individual, somos agora confrontados

---

<sup>131</sup> Xabier PIKAZA, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, p. 72.

<sup>132</sup> Cf. D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 101.

com a necessidade de caminhar juntamente com outros. Por conseguinte, nesta nova fase do processo discipular, os Doze vão aprender a viver em *communio*, isto é, em comunhão com, em comunidade fraterna, que procura crescer na imitação de Cristo, o seu Mestre.

A partir daqui e progressivamente ao longo do evangelho de Marcos, os discípulos vão assumindo uma responsabilidade maior na pregação messiânica, parecendo estarem de facto à altura da missão que lhes foi confiada. Neste mesmo episódio, é também especificado desde logo o objectivo da formação daquele grupo mais restrito: enviá-los a pregar, com o poder de expulsar demónios (cf. Mc 3,14-15).

Esse envio em missão só se concretizará mais adiante em Mc 6,7-13, quando efectivamente Jesus os envia dois a dois e lhes dá uma série de recomendações para o caminho. Trata-se do «único [envio] registado em todo o Evangelho de Marcos»<sup>133</sup>, uma vez que não aparece aí um envio pós-pascal, à semelhança dos outros textos sinópticos. Deste modo, esta missão dos Doze pode já configurar-se como retrato ou sinal daquela que será a missão pós-pascal dos seguidores de Cristo, não apenas na terra de Israel, mas com um carácter mais universal, procurando levar o Evangelho a todos os povos e nações.

Para chegar a este momento do envio, os Doze já teriam tido oportunidade de amadurecer a resposta inicial e de assumir verdadeiramente para si o mesmo estilo de vida que Jesus levava. Aquele período inicial de caminho com Jesus, que teria sido uma espécie de processo de iniciação, tinha sido concluído, estando eles em condições de seguir pelas aldeias da Galileia a pregar e preparar enclaves onde o Reino de Deus pudesse florescer.

---

<sup>133</sup> D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 102.

Contudo, após o regresso dos Doze para junto de Jesus (cf. Mc 6,30), começam a surgir alguns sinais da incompreensão destes perante determinadas palavras ou gestos realizados pelo Mestre. Depois do primeiro relato da multiplicação dos pães (Mc 6,34-44), o evangelista narra o episódio em que Jesus caminha sobre as águas ao encontro dos discípulos que se encontravam no barco, já fatigados de remar. Aqui é-nos descrito o assombro e o medo por eles sentidos<sup>134</sup>, «pois ainda não tinham entendido o que se dera com os pães: tinham o coração endurecido» (Mc 6,52). Esta última expressão é utilizada anteriormente para descrever a obstinação dos fariseus<sup>135</sup>, em Mc 3,5, e pode ser interpretada como uma reprovação por parte de Jesus por causa da incredulidade e ininteligibilidade dos que seguiam no barco. Este caminhar de Jesus sobre as águas, que fez até menção de passar adiante deles, é uma metáfora para a precedência do Mestre sobre os seus discípulos: Jesus quer ensinar o caminho, seguindo à sua frente. Porém, aqueles não são capazes de reconhecer esta alusão e continuam envoltos pelo medo<sup>136</sup>.

Mais adiante, em Mc 7,17, num diálogo com os discípulos acerca das tradições judaicas e da pureza ou impureza dos alimentos, a propósito de uma controvérsia com os fariseus, Jesus volta a referir a incompreensão dos discípulos. Desta vez, a questão prende-se essencialmente com o ultrapassar das fronteiras da ritualidade judaica e da piedade externa<sup>137</sup>. Jesus pretende que os discípulos mudem a sua mentalidade, quer prepará-los desde já para a missão universal do anúncio do Reino, que implica mais a pureza de coração do que a pureza dos alimentos.

---

<sup>134</sup> Sobre a experiência humana do medo entendida enquanto falta de fé, incredulidade e desconfiança, pode ser de grande interesse ler Giovanni Cesare PAGGAZZI, «A experiência humana do medo», in Isabel VARANDA e Alfredo TEIXEIRA (coord.), *“Não tenhais medo”*. A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, pp. 23-40.

<sup>135</sup> Cf. Mario GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 140.

<sup>136</sup> Cf. John COUTTS, «The Authority of Jesus and the twelve in Sto. Mark's Gospel», in *Journal of Theological Studies* 8 (1957), p. 114.

<sup>137</sup> Cf. Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 1,1-8,26)*, p. 318.

A mesma tónica de incompreensão dos discípulos e da repreensão por parte de Jesus é encontrada em Mc 8,14-21, na perícopre do mau fermento e do bom pão, onde Ele lhes explica o sentido das duas multiplicações dos pães que ocorreram anteriormente. Aqui, Jesus questiona novamente a falta de entendimento e discernimento dos discípulos, questionando-os directamente sobre a dureza dos seus corações e aludindo ainda ao facto de estes terem olhos e não verem, terem ouvidos e não ouvirem (cf. Mc 8,18). Esta menção evoca a narração de duas cenas de cura neste evangelho, a saber: a do surdo-mudo em Mc 7,31-37 e a do cego de Betsaida em Mc 8, 22-26. Como reflecte Santiago Guijarro, «o facto de [os discípulos] terem respondido ao chamamento de Jesus, de o terem seguido de perto como parte da sua nova família e de terem sido enviados por ele não os converteu em discípulos exemplares, já que com a sua atitude obstinada, eles próprios se colocaram à margem do projecto de Jesus e necessitam de ser curados por ele»<sup>138</sup>.

Efectivamente, a expressão «tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis», remete-nos para uma citação do profeta Isaías (cf. Is 6,9-10), que já tinha sido mencionada por Jesus em Mc 4,10-12, para descrever a situação dos de fora, aqueles que não compreendiam as suas parábolas. Neste momento, Jesus refere-se aos discípulos e coloca-os na mesma situação, uma vez que a sua incompreensão os coloca à margem da dinâmica do Reino. Esta severidade nas palavras tem um objectivo didáctico e pedagógico, para ajudar os discípulos a reflectir e conduzi-los a uma mudança.

A partir de 8,27, o episódio no caminho de Cesareia de Filipe, que inicia um novo bloco no evangelho de Marcos, percebemos que se começa a criar uma distância cada vez maior entre Jesus e os discípulos. «Entre vocação e realização, há um longo

---

<sup>138</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 55.

período de maturação e provação, de incompreensão e de morte»<sup>139</sup> e os discípulos não se mostram capazes de vencer os seus medos e preconceitos, não assumem verdadeiramente o caminho da cruz e, mais tarde, acabam por abandonar Jesus na hora da Paixão.

Apesar da resposta de Pedro à pergunta de Jesus acerca da opinião pessoal dos discípulos sobre a sua identidade ser «Tu és o Messias» (8,29), esta não passa de uma afirmação convencional, marcada pelas categorias do messianismo triunfal, sem qualquer envolvência ou consciência afectiva e real por parte do discípulo. Por essa razão, Jesus ordena-lhes que não digam nada a ninguém (cf. 8,30). É curioso, no entanto, reparar que logo em seguida a esta ordem de silêncio, que está associada à questão do segredo messiânico, o narrador diz-nos que Jesus «começou a ensinar-lhes» (8,31). Afinal, «o segredo começa a desvelar-se e converte-se em objecto de um ensinamento constante»<sup>140</sup>, uma vez que nos capítulos subsequentes Jesus vai procurar ajudá-los a compreender o seu messianismo, através dos anúncios da Paixão.

Como diz Jesus, mais adiante no texto, para segui-lo verdadeiramente é necessário renunciar a si mesmo e tomar a sua cruz, fazendo do projecto do Reino e do seu anúncio uma missão prioritária. O grupo dos discípulos que Jesus chamou no começo do evangelho vai-se agora revelando totalmente incapaz de abraçar e pôr em prática estas mesmas condições. Além da simples afirmação de que Jesus é o Messias, os seus discípulos, por todo o caminho já percorrido, deveriam ser capazes de especificar em que sentido o é<sup>141</sup>, qual é na realidade o seu messianismo, identificando-o como o Filho de Deus, disposto a dar a vida pela salvação do mundo.

---

<sup>139</sup> Xabier PIKAZA, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, p. 44.

<sup>140</sup> Mario GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 170.

<sup>141</sup> Cf. Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 62.

No entanto, quando Jesus, falando abertamente, lhes anuncia a necessidade de o Filho do Homem sofrer, ser morto e ressuscitar (cf. Mc 8,31-32), Pedro, como porta-voz do grupo, repreende-o, rebelando-se contra a ideia da paixão<sup>142</sup>. A verdade é que eles não estariam preparados para assumir a imagem de um Messias que tivesse de sofrer, mais semelhante a um escravo do que a um senhor; não percebiam como é que a glória e manifestação do Messias tinham de passar pelo sofrimento da cruz<sup>143</sup>.

A resposta de Jesus, que constitui igualmente uma repreensão, não só a Pedro, mas extensível ao restante grupo dos discípulos, pode parecer dura: «Vai-te da minha frente, Satanás, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens» (Mc 8,33). Satanás designa a tentação, a oposição ao caminho do Filho do Homem que corresponde à vontade de Deus. De facto, «a ameaça mais perigosa para os discípulos e para a comunidade é a recusa do Crucificado»<sup>144</sup>, daí o uso de tais palavras por parte de Jesus.

Na realidade, com estas palavras, Jesus pretende renovar o chamamento inicial feito em Mc 1,17. No texto primitivo grego, a expressão encontrada é «ὕπαγε ὀπίσω μου, Σατανᾶ» que traduzida fielmente ficaria «põe-te atrás de mim, Satanás». Percebemos que o tom usado afinal não é apenas de severidade, mas também de bondade<sup>145</sup> e de chamamento vocacional, desafiando Pedro, e todo o restante grupo, a retomar o seu lugar atrás de Jesus como seus fiéis seguidores. A resposta de Jesus deve, por isso, ler-se sempre em chave discipular.

---

<sup>142</sup> Cf. Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 14.

<sup>143</sup> Para uma leitura complementar sobre a perplexidade dos discípulos e a sua incapacidade de compreender e aceitar o *mysterium crucis*, recomenda-se a síntese de Pierangelo Sequeri em Pierangelo SEQUERI, *Teología Fundamental. La idea de la fe*, ed. Sígueme, Salamanca 2007, pp. 128-133.

<sup>144</sup> Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 15.

<sup>145</sup> Cf. Mario GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 172.

O contexto é claramente muito diferente do primeiro chamamento, pois os discípulos já o acompanham e seguem há algum tempo. Porém, o convite a seguir Jesus aqui referido tem implicações muito mais profundas e exigentes que vão além do seguimento exterior e obriga os discípulos a reformular a sua ideia de seguimento e discipulado. No evangelho de Marcos, este segundo chamamento, «situa-se no horizonte da Páscoa»<sup>146</sup>. Desse modo, se Jesus, que é o Mestre, tem de sofrer e morrer, os discípulos, enquanto seus seguidores, deveriam estar dispostos a partilhar do mesmo destino.

Claramente, tal concepção não se adequa com a ideia que os discípulos haviam formado sobre a identidade de Jesus e sobre a sua própria identidade. Isto está espelhado nos relatos seguintes, onde eles discutem entre si qual deles era o maior e mais importante (cf. Mc 9,34) ou quando Tiago e João pedem a Jesus que lhes conceda sentarem-se um à sua direita e outro à sua esquerda e todos os outros se indignam contra eles (cf. Mc 10,35-41). Os discípulos continuam a pensar o Messianismo em termos humanos de poder e glória e não concebem a hipótese de um Messias sofredor, que resgata o mundo com a sua morte na Cruz, visto que «o sofrimento vai contra a fibra da humanidade deles»<sup>147</sup>.

Jesus ainda assim não desiste deles, corrige-os continuamente e tenta ensinar-lhes a necessidade de renunciar à própria vida, isto é, às ambições e desejos pessoais, para se poder concretizar o Reino de acordo com a vontade de Deus Pai. Ou ainda sobre a necessidade de se colocar ao serviço de todos, contrariando a lógica do poder terreno. Contudo, o fosso e as discrepâncias entre eles são cada vez maiores, como exemplifica a incompreensão de Pedro, Tiago e João na perícopa da Transfiguração (Mc 9,2-10); a incapacidade dos restantes discípulos para expulsar um espírito impuro de um jovem em

---

<sup>146</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 63.

<sup>147</sup> Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, p. 52.

Mc 9,18; a pretensão de impedir outros de expulsarem demónios em nome de Jesus relatada em Mc 9,38; ou ainda a tentativa de impossibilitar a aproximação a Jesus de algumas crianças que o queriam tocar (cf. Mc 10,13-16)<sup>148</sup>.

Esta cegueira do grupo dos discípulos contrasta com a figura de Bartimeu, o cego de Jericó (cf. Mc 10,46-52), que se apresenta como imagem muito mais aproximada daquilo que seria o verdadeiro discípulo. Sentindo-se chamado por Jesus, e ainda antes de ser curado, o cego deixa tudo para trás, «atira fora o seu manto, e, num salto, que implica determinação, e não hesitação, fica junto de Jesus»<sup>149</sup>. O abandono dos seus pertences e do seu lugar na beira do caminho aponta para o modelo exemplar do discípulo disposto a renunciar a si mesmo e a dar com alegria toda a sua vida para seguir o Messias. Bartimeu dirige-se a Jesus chamando-o «Mestre», indicando a sua decisão de se tornar seu discípulo. Ao contrário dos Doze, ele compreende que «o caminho que inicia acompanhando Jesus, é o caminho até à Paixão»<sup>150</sup>, e mesmo assim está disposto a segui-lo radicalmente.

Depois desta perícopie da cura do cego de Jericó, Marcos expõe o ministério de Jesus em Jerusalém. Ainda que não estejam ausentes da narração, os discípulos são colocados num plano mais secundário. Jesus vai procurar, durante estes dias, através de ensinamentos públicos, nos quais tenta ainda instruir os seus discípulos, clarificar o sentido do seu messianismo. Só compreendendo isto, é que os discípulos poderiam abraçar de forma plena o compromisso do caminho com Jesus. Sabemos, no entanto, que tal nunca chega a acontecer antes da Paixão.

Como tivemos oportunidade de ver em pormenor no capítulo anterior, nos relatos da Paixão os discípulos que dormiam durante a agonia de Jesus Cristo no

---

<sup>148</sup> Cf. Robert C. TANNEHILL, «The Disciples in Mark: The Function of a Narrative Role», in *Journal of Religion* 57 (1977), p. 401.

<sup>149</sup> D. António COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, p. 109.

<sup>150</sup> Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 125.

Getsémani, dominados pelo medo, acabam verdadeiramente por abandoná-lo, no instante em que é preso. Assim se espelha a real crise do discipulado em Marcos: Judas traiçoa-o, entregando-o aos sumo-sacerdotes, e o restante grupo, no momento de maior dificuldade em que Jesus procura o amparo dos seus amigos mais próximos, fracassa e não é capaz de o acompanhar. Quando no final do relato da oração de Jesus no Getsémani, Ele se dirige aos discípulos e ordena-lhes que se levantem, já não estamos perante um convite ao seguimento<sup>151</sup>, visto que Jesus percebe que eles estão a ponto de o abandonar e terá de enfrentar sozinho o seu destino.

Finalmente, a fuga e o abandono levados a cabo pelos discípulos aquando da prisão de Jesus têm ainda um momento agravante e mais intenso nas negações de Pedro. É nesta atitude de Pedro que culmina e cai o caminho discipular que os Doze haviam percorrido<sup>152</sup>, visto que nunca foram capazes de compreender e aceitar um Cristo humilhado e condenado.

Em conclusão, se inicialmente nos são apresentados discípulos capazes de deixar tudo de forma tão pronta e confiada para seguir Jesus, na parte final do evangelho de Marcos o que prevalece e se destaca é a incompreensão dos mesmos. Poderíamos falar de um processo ascendente de chamamento-eleição-missão nos primeiros capítulos do evangelho de Marcos, que dá agora lugar a «um processo de ruptura que vai da incompreensão ao abandono e negação»<sup>153</sup>. Para o leitor, estas posturas tão contraditórias dos discípulos levantam certamente algumas inquietações e perguntas.

A resposta para este paradoxo comportamental encontra-se na mensagem que o evangelista pretende transmitir e na visão do discipulado que quer fazer chegar aos seus

---

<sup>151</sup> Cf. Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 305.

<sup>152</sup> Cf. Xabier PIKAZA, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, p. 247.

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 133.

destinatários<sup>154</sup>. Marcos tem um propósito pastoral e retórico, mostrando com o comportamento dos discípulos o que se deve evitar no caminho do seguimento de Jesus. «O Evangelho de Marcos é uma chamada ao discipulado»<sup>155</sup>, o objectivo é que os seus leitores sigam Jesus e vivam de acordo com as suas exigências. O grupo dos discípulos não é obviamente um modelo perfeito de discipulado e com esse retrato Marcos tentou que os destinatários e os leitores do evangelho se reconhecessem nas dificuldades daquele grupo e aprendessem com os seus erros e fracassos, reflectindo e purificando a imagem do verdadeiro discípulo<sup>156</sup>.

Para o evangelista, o «seguir Jesus não é algo simples, pois não está claro quem são os autênticos discípulos de Jesus, nem tão pouco que haja uma só forma de segui-lo»<sup>157</sup>. Conscientes desse facto, propomos em seguida um modelo de discipulado baseado na passagem trabalhada de Mc 14,32-42. Este é apenas um modelo entre muitos outros que o evangelista nos oferece e no qual destacamos somente três atitudes distintivas de um discípulo, que emergiram após o estudo da perícopre enunciada. É importante reter que, obviamente, este não é um perfil taxativo ou exclusivo, sendo possíveis outras abordagens da vida discipular no evangelho de Marcos.

## **2. Perfil do discípulo a partir de Mc 14,32-42**

Concentrando-nos agora de novo e mais especificamente na perícopre que analisamos no capítulo anterior, Mc 14,32-42, vamos procurar evidenciar os traços ou atitudes de um verdadeiro discípulo que emergem da sua leitura e reflexão.

---

<sup>154</sup> Cf. Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 15.

<sup>155</sup> Joel F. WILLIAMS, «Discipleship and Minor characters in Mark's Gospel», in *Bibliotheca Sacra* 153 (1996), p. 336.

<sup>156</sup> Cf. Robert C. TANNEHILL, «The Disciples in Mark: The Function of a Narrative Role», p. 393.

<sup>157</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 15.

Neste relato no Getsémani destacam-se imediatamente duas figuras contrastantes: «o *Mestre* que vela rezando no momento da angústia e os *discípulos* que dormem»<sup>158</sup>. Aqui se configura o momento mais profundo da crise do discipulado. A distância entre Jesus e os discípulos torna-se cada vez mais manifesta, sendo por isso inevitável compararmos as suas posturas distintas ao longo da cena.

Na verdade, o discipulado cristão tem um dinamismo muito próprio, já que para o discípulo «o único modelo é Jesus»<sup>159</sup>, o que implica que se identifique com Ele e assuma o mesmo estilo de vida. Ainda que possamos atentar noutras personagens menores do evangelho de Marcos, que personificam algumas atitudes necessárias ao seguimento e se revelam mais capazes do que o grupo de discípulos<sup>160</sup>, percebemos facilmente que o único modelo completo e seguro em que nos podemos basear é o próprio Cristo, que assume e vive plenamente a sua identidade de Filho amado de Deus.

Seguir Cristo no caminho da cruz implica moldar o nosso coração, a nossa mente, todos os nossos sentidos, de acordo com a sua vida. Por conseguinte, faz todo o sentido que, ao desenharmos um perfil do discípulo, nos aproximemos e busquemos no comportamento do próprio Jesus as atitudes que correspondem a esse perfil. Num mundo em que as distrações e as tentações podem fazer-nos “adormecer”, como ao grupo dos discípulos, e onde abundam os ídolos e modelos que nos propõem o êxito, o reconhecimento ou o poder como fórmula para a felicidade, é difícil mantermo-nos fiéis

---

<sup>158</sup> Xabier PIKAZA, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, p. 238.

<sup>159</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 15.

<sup>160</sup> É o caso do cego de Jericó (cf. Mc 10,46-52), como já assinalámos no ponto anterior, ou ainda do possesso de Gerasa (cf. Mc 5,1-20), de Jairo e da mulher com fluxo de sangue (cf. Mc 5,21-43), da mulher siro-fenícia (cf. Mc 7,24-30), da viúva pobre (cf. Mc 12,41-44), da mulher que ungiu Jesus em Betânia (cf. Mc 14,3-9), de Simão de Cirene (cf. Mc 15,21), do centurião romano (cf. Mc 15,39), de José de Arimateia (cf. Mc 15,43-46) ou, por último, do grupo de mulheres presente no final do relato que já acompanhava Jesus desde a Galileia e do qual faz parte Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé (cf. Mc 15,40-41.47;16,1-8). Sobre o papel destes personagens menores no evangelho de Marcos pode ver-se: Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, pp. 85-107; e Joel F. WILLIAMS, «Discipleship and Minor characters in Mark's Gospel», in *Bibliotheca Sacra* 153 (1996), pp. 332-343.

ao caminho discipular. Ser discípulo significa uma conformidade cada vez maior com Jesus Cristo e isso exige uma disciplina e rigor enormes, cultivando atitudes que são essenciais para a constância e fidelidade à nossa vocação cristã.

Iniciaremos então este nosso esboço do perfil do discípulo centrando-nos na atitude orante de Jesus, que já sabemos ocupar uma importância vital no relato analisado.

### 2.1. Oração

Em Marcos 14,32-42, somos confrontados com um dos relatos bíblicos mais intimistas de Jesus Cristo. Aqui, de forma especial, o narrador procura aproximar o leitor da interioridade de Jesus, dos seus sentimentos mais intensos, face ao seu destino iminente. Estamos perante alguém profundamente angustiado, que «na sua debilidade suplica ao Pai»<sup>161</sup>; alguém que na sua existência humana se sente esmagado pelo medo e pelo sofrimento e que procura alívio n’Aquele que tudo pode; alguém que se sente dividido – e mesmo tentado – entre a sua vontade humana, «que se insurge contra o aspecto monstruoso e fatal do acontecimento e quer pedir que o cálice “passe d’Ele”»<sup>162</sup>, e a vontade de Filho, que quer cumprir obedientemente os desígnios do Pai.

As palavras finais da oração de Jesus de que o leitor tem conhecimento são: «mas não se faça o que eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14,36). Efectivamente, diante da angústia e da tentação, Jesus decide colocar-se nas mãos do Pai: «a sua oração é um acto de abandono e confiança»<sup>163</sup>. Assim, Jesus surge como «exemplo para os

---

<sup>161</sup> Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 22.

<sup>162</sup> Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 131.

<sup>163</sup> José María CASCIANO et al, *Sagrada Biblia – Comentario*, p. 1055.

crístãos que lutam por manter-se unidos à vontade de Deus, no meio da dor e da vigília nocturna»<sup>164</sup>.

Contudo, não foi exclusivamente neste momento de grande pavor e angústia que Jesus orou. São muitas as referências nos evangelhos que mostram Jesus em oração, quer seja no templo ou no monte, no seio da comunidade ou em particular, a meio do ritmo do quotidiano ou antes de algum momento particularmente decisivo da sua missão. Jesus não reza apenas nos momentos de aflição ou de dificuldade, como por exemplo no Getsémani ou na cruz. Ele reza também para bendizer ou dar graças, ou ainda sem nenhuma finalidade explícita ou aparente, apenas tirando um tempo do seu dia para o encontro com o Pai. De facto, à luz dos evangelhos, podemos «interpretar como oração toda a vida de Jesus até à sua morte»<sup>165</sup>, uma vez que através dos seus gestos e palavras, manifestação do Pai, torna possível o diálogo entre o crente e Deus.

Esta atitude de Jesus que procura colocar-se diante de Deus, não importa as circunstâncias ou momentos que vive, manifesta-se para todos os crentes, de todos os tempos e lugares, como o «arquétipo do que reza a Deus»<sup>166</sup>. À sua semelhança, o verdadeiro discípulo é aquele que é capaz de transformar toda a sua existência numa oração ininterrupta, num diálogo permanente com Deus. Falar de oração implica falar de uma vida em permanente atitude orante, de acordo com a vida que Cristo levou. É, no fundo, fazer da própria vida, de cada momento do quotidiano, uma oração, uma palavra dirigida ao Pai, como um «sacrifício vivo, santo e agradável a Deus» (Rm 12,1)<sup>167</sup>. Na verdade, a atitude orante corresponde a uma necessidade de procura de

---

<sup>164</sup> Fritzleo LENTZEN-DEIS, *Evangelho de Marcos. Modelo de Nova Evangelização*, p. 384.

<sup>165</sup> Hans Urs von BALTHASAR, «Para uma teologia da oração cristã», in *Communio* II (1985), p. 304.

<sup>166</sup> *Ibidem*, 303.

<sup>167</sup> Cf. CONCILIIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica de Ecclesia *Lumen Gentium*, 10, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 57 (1965), p. 14, seguindo a edição portuguesa CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *A Igreja*, Editorial Apostolado da Oração, Braga 1987<sup>10ª</sup>, p. 67.

Deus, característica basilar do ser humano finito<sup>168</sup> e, por isso, é-lhe praticamente intrínseca. A isto se referia São Paulo, no discurso no Areópago, quando afirmou que Deus «fixou a sequência dos tempos e os limites da sua habitação, a fim de que os homens procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo, mesmo tacteando» (Act 17,26-27).

Mas os evangelhos, além de nos iniciarem à vida orante de Jesus, também relatam que foi Ele quem ensinou os seus discípulos a rezar. Em Mt 6,9-13 e em Lc 11,1-4, encontramos a formulação da oração do Pai-Nosso. Contemplando o Mestre a rezar, os discípulos também sentem a necessidade e vontade de o fazer, por isso pedem-lhe que os ensine (cf. Lc 11,1). Na bela expressão do Catecismo da Igreja Católica, «é contemplando e escutando o Filho que os filhos aprendem a orar ao Pai»<sup>169</sup>. Se pensarmos de novo na oração no Getsémani, vemos que o facto de Jesus ser capaz de rezar, precisamente enquanto os discípulos dormem e são incapazes de vigiar, «indica que a oração de Jesus não é somente o modelo para os discípulos e o leitor imitarem a sua oração, mas também o fortalecimento para o seu próprio orar»<sup>170</sup>. Reproduzir a oração de Jesus é assumir da forma mais plena os sentimentos e comportamentos de filho perante o Pai. De facto, pela acção do Espírito Santo, que é o diálogo entre Pai e Filho, também nós recebemos um espírito de adopção, que nos permite, como refere São Paulo, clamar «Abbá, ó Pai!» (Rm 8,15).

Em Mc 11,20-26, o único texto em todo o evangelho de Marcos que aborda de forma explícita o tema da oração, Jesus incita os seus discípulos a acreditar no poder da oração e da petição ao Pai, dizendo: «tudo quanto pedirdes na oração crede que já o recebeste e haveis de obtê-lo» (Mc 11,24). Como filhos amados, temos total liberdade

---

<sup>168</sup> Cf. Hans Urs von BALTHASAR, «Para uma teologia da oração cristã», p. 300.

<sup>169</sup> IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, 2601, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1999<sup>2ª</sup>, p. 629.

<sup>170</sup> J. P. HEIL, «Mark 14.1-52: Narrative Structure and Reader-Response», p. 326.

para pedir e interceder junto do Pai, pois «é próprio que o filho peça ao pai as dádivas necessárias»<sup>171</sup>. Todavia, escreve Hans Urs von Balthasar, «naturalmente Deus não muda de disposição através do suplicante, por isso [devemos] (...) pedir aquilo que Deus está pronto a dar»<sup>172</sup>, aquilo que está conforme à sua vontade. Não podemos simplesmente pedir, temos de saber predispor o coração e os afectos para fazer a vontade do Pai e rezar, tendo presente este dinamismo de obediência filial ao projecto de Deus<sup>173</sup>. Sendo Pai, melhor do que ninguém Ele conhece os seus filhos, as suas necessidades e desejos, mesmo aqueles que eles possam ainda nem reconhecer.

Na oração no Getsémani, é isto mesmo que Jesus nos ensina. Independentemente da dificuldade, da dor e do medo, devemos colocar-nos diante do Pai dispostos a fazer a vontade dele e não a nossa vontade. Apesar de a oração ser conforto nos momentos de dificuldade, ela não é uma forma de suprimir o sofrimento, como se de um antídoto miraculoso se tratasse, apenas de o superar<sup>174</sup>. A oração não vai certamente eliminar o problema ou a fonte da perturbação, mas pode ajudar a integrar essa experiência na vida da pessoa e a ultrapassar esse momento de crise. Como afirma J. P. Heil, «a poderosa oração de Jesus demonstrou como eles [os discípulos], somente na e através da oração, podem conformar as suas vontades à soberana vontade de Deus (...) e assim resistir à “provação”»<sup>175</sup>.

Este é um desafio muito exigente, que o grupo mais próximo de Jesus, os Doze, não foi capaz de cumprir, pois não abdicou da sua vontade de um messianismo triunfalista, para aceitar o verdadeiro Messias sofredor que Jesus Cristo se revelou ser. De acordo com Santiago Guijarro, a causa principal do fracasso dos discípulos no relato

---

<sup>171</sup> Hans Urs von BALTHASAR, «Para uma teologia da oração cristã», p. 305.

<sup>172</sup> *Ibidem*, p. 306.

<sup>173</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, 2611, p. 632.

<sup>174</sup> Cf. Giovanni Cesare PAGGAZZI, «A experiência humana do medo», p. 38.

<sup>175</sup> J. P. HEIL, «Mark 14.1-52: Narrative Structure and Reader-Response», p. 326.

marcano foi a sua incapacidade para entrar na lógica de Deus<sup>176</sup>. Ao revés, um verdadeiro discípulo deve aprender a aceitar a vontade de Deus na sua vida, como fez e assim o expressou Jesus na oração no Getsémani.

O caminho do discípulo faz-se obedecendo à vontade de Deus Pai, seguindo o seu projecto, entrando na lógica divina e renunciando a si mesmo e aos desejos pessoais egoístas. Isto não significa de modo algum anular a pessoa humana, visto que «quando adere à vontade divina, a vontade humana encontra a sua realização, e não a sua destruição»<sup>177</sup>. Com a sua oração, Jesus mostra-nos precisamente o caminho para passar da lógica humana à lógica de Deus. Por conseguinte, a chave basilar para o discipulado é a oração, não simplesmente como petição, mas essencialmente uma oração filial, capaz de aceitação, obediência e cooperação com a vontade do Pai.

## 2.2. *Confiança*

Da oração, brota outra atitude vital para um verdadeiro discípulo e que podemos aprender da postura de Jesus no Getsémani: a confiança. Confiança no Pai, na sua vontade e no seu plano de salvação. Efectivamente, é nos momentos de maior tribulação que a «confiança filial é posta à prova – e prova-se a si mesma»<sup>178</sup>. Sabemos como Jesus se sentiu tentado e dividido entre a sua própria vontade e a vontade do Pai, mas acabou por confiar e abandonar-se livremente ao plano divino<sup>179</sup>.

---

<sup>176</sup> Cf. Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 120.

<sup>177</sup> Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 134.

<sup>178</sup> IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, 2734, p. 658.

<sup>179</sup> «O abandono, aqui, não é ser abandonado, mas o acto de se abandonar confiadamente a um outro que se revela digno dessa confiança». José Frazão CORREIA, «A experiência da fé como reconfiguração da confiança existencial», in Isabel VARANDA e Alfredo TEIXEIRA (coord.), *“Não tenhais medo”. A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Colecção ed. Fátima Estudos, vol. 7, Santuário de Fátima, Fátima 2014, p. 131.

No entanto, um pormenor que se afigura como bastante intrigante na perícopé estudada da oração no Getsémani é a aparente ausência de resposta por parte de Deus às preces que lhe são dirigidas por Jesus. Isto levou, por exemplo, Joachim Gnilka a afirmar mesmo que «só com reservas se poderia chamar à oração de Jesus um diálogo com Deus»<sup>180</sup>, já que da parte de Deus só encontramos silêncio, nenhuma resposta. De facto, parece que Deus é indiferente às súplicas do seu Filho. E ao leitor, fica a sensação de que Jesus não foi atendido, nem sequer ouvido e acaba por ser preso, sofrer e morrer na cruz<sup>181</sup>.

Uma das dificuldades que se coloca à oração do crente é precisamente esta sensação de que Deus não o atende e/ou é indiferente à angústia humana. De facto, é legítimo perguntar que Deus é este que nem o próprio Filho escuta e ajuda. Que Deus é este que parece impassível perante os pedidos dos seus filhos? Mas é exactamente neste momento de inquietação e questionamento, próprio de quem acredita, que se joga também a questão da confiança filial. Aqui podemos facilmente evocar a figura de Job, que sob o peso das desgraças e sofrimentos que sobre ele se abateram, coloca em questão a própria ideia de Deus «para se abrir com confiança a um Deus misericordioso que supera os nossos esquemas»<sup>182</sup>. A fé de Job não é cega, nem fica prisioneira de convicções e crenças tradicionais. Pelo contrário, dá espaço a interrogações e questionamentos, permitindo-lhe assim purgar e purificar a imagem de Deus.

O termo *fé* deriva do radical hebraico 'mn, que abarca uma multiplicidade de significados, como firmar-se, confiar-se, fincar-se em algo, crer em algo<sup>183</sup>. Assim, fé e

---

<sup>180</sup> Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 307.

<sup>181</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, pp. 137-138.

<sup>182</sup> Marta GARCÍA FERNÁNDEZ, «O tempo de cura: eis o pavor (Jr 14,19). Medo e Salvação», in Isabel VARANDA e Alfredo TEIXEIRA (coord.), *“Não tenhais medo”. A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, p. 70.

<sup>183</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo – Prelecções sobre o «Símbolo Apostólico»*, ed. Princípia, Cascais 2005, p. 48.

confiança estão intimamente ligadas entre si. Nas palavras do teólogo José Frazão Correia, «a fé é sempre questão de vida – e de morte do medo de confiar num outro e de se lhe confiar»<sup>184</sup>. Perante o enigma que é o silêncio de Deus e a ausência de resposta à oração que lhe dirige, à semelhança de Jesus de Nazaré, o verdadeiro discípulo é desafiado a esta atitude vital de confiar no Pai. Trata-se, é verdade, de uma submissão radical à vontade de Deus, de «um salto mortal da consciência, sem rede de protecção»<sup>185</sup>, tudo ou nada, numa atitude incondicional de fé e de abandono.

Ao dirigir-se a Deus como *Abbá*, Jesus expressa esta grande confiança e a profunda certeza de ser o Filho amado. Por isso, acerca do relato no Getsémani, sintetiza Bruno Maggioni: «O centro da experiência de Jesus – atrever-me-ia a dizer o centro do centro – não é a angústia que desvela quão densa é a humanidade do Filho de Deus nem a sua total obediência que passa pela provação e oração, mas a firme e terna certeza de ser filho (“Abbá”), certeza que nem sequer a maior angústia logra diminuir minimamente»<sup>186</sup>.

A confiança filial emerge, assim, como superação do medo. Deste modo, configura-se como autêntico modelo para todos os crentes, não como forma de suportar o temor «por via da eliminação da adversidade, mas pela habilitação interna a poder enfrentá-lo»<sup>187</sup>. A confiança que nos é inspirada na oração por este amor filial que o Pai nos tem, nunca será defraudada, «ainda que a intervenção de Deus em nossas vidas

---

<sup>184</sup> José Frazão CORREIA, *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, ed. Paulinas, Prior Velho 2013, p. 66.

<sup>185</sup> José Frazão CORREIA, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, ed. Paulinas, Prior Velho 2014, p. 53.

<sup>186</sup> Bruno MAGGIONI, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, p. 29.

<sup>187</sup> Marta GARCÍA FERNÁNDEZ, «O tempo de cura: eis o pavor (Jr 14,19). Medo e Salvação», p. 45.

passa por caminhos, acontecimentos e vivências que não estavam inscritos nas nossas expectativas»<sup>188</sup>.

É a relação filial que torna possível esta passagem do medo à confiança, num «gesto de abandono reconhecido e deliberado, afectivo e responsável, livre e generoso»<sup>189</sup>. Quando a pessoa humana reconhece realmente neste Outro uma paternidade divina, que mesmo em silêncio não deixa de existir, e que é digna de confiança e capaz de mover uma adesão livre<sup>190</sup>, dá-se o salto a que chamamos *fé*. O silêncio de Deus que testemunhamos na oração no Getsémani não deixa de ser presença e expressão do próprio Deus, pois quantas situações de intercâmbio humano são, de forma semelhante, caracterizadas «não só por palavras mas por uma ausência de palavras mais profundamente reveladora»<sup>191</sup>. Assim, o discípulo que «se entrega, como Jesus na cruz, confia e espera que, mesmo no maior abandono, Deus também aí está»<sup>192</sup>.

De qualquer forma, a resposta de Deus às preces do seu Filho naquela noite de angústia, chegará mais tarde na linguagem dos actos<sup>193</sup>. A oração de Jesus continua na cruz, onde, citando as palavras do Salmo 22 – «meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» –, personaliza «o drama da solidão e do abandono (...) mas também expressa, em sua sequência, a confiança orante num Deus totalmente fiável, numa paternidade que não pode falhar em sua fecundidade amorosa»<sup>194</sup>. São os evangelhos

---

<sup>188</sup> António MARTINS, «Desafiados por Deus na liberdade e na confiança», in Isabel VARANDA e Alfredo TEIXEIRA (coord.), “*Não tenhais medo*”. *A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, p. 104.

<sup>189</sup> José Frazão CORREIA, *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, p. 67.

<sup>190</sup> Cf. *Ibidem*, p. 70.

<sup>191</sup> Hans Urs von BALTHASAR, «Para uma teologia da oração cristã», p. 304.

<sup>192</sup> Leonardo BOFF, *Vida para além da morte. O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação*, ed. Vozes, Petrópolis 1978, p. 141.

<sup>193</sup> Cf. Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 307.

<sup>194</sup> António MARTINS, «Desafiados por Deus na liberdade e na confiança», p. 104.

que nos dão esta garantia de que o Pai o escutou e atendeu. A sua resposta chega sob a forma de amor e Vida nova, pois ressuscitando-o, «ergueu-O da noite da morte»<sup>195</sup>.

Porém, a ressurreição de Cristo tem um significado muito mais abrangente, uma vez que, com a sua morte, Ele superou e venceu a morte em definitivo e tornou-se «fonte de vida para Si mesmo e para todos»<sup>196</sup>. Desta forma, o atendimento de Deus às súplicas de Jesus no Getsémani diz respeito não somente ao Filho, mas a cada homem e mulher, que assumem também este lugar de filhos muito amados.

Efectivamente, a verdade de Deus como *Abbá* e não como poder auto-subsistente e solitário, inimigo imaginado da vida humana, diz-se e dá-se nas palavras, nos gestos e na história de Jesus de Nazaré<sup>197</sup>. De tal forma que, seguindo-o e imitando-o, cada crente pode verdadeiramente tornar-se discípulo que se abandona e coloca com confiança nas mãos de Deus.

### 2.3. *Vigilância*

Chegamos por fim à última das atitudes por nós destacadas a partir do relato no Getsémani e que se afigura indispensável para o discípulo que queira, sem medo, seguir as pegadas do Mestre. Confiado em Deus Pai, o verdadeiro discípulo é capaz de olhar e esperar o futuro a partir de Cristo, permanecendo vigilante.

A temática da vigilância surge algumas vezes ao longo dos escritos neotestamentários, sendo que o verbo grego γρηγορέω (vigiar) aparece predominantemente sob a forma de imperativo<sup>198</sup>. À semelhança da perícopie no

---

<sup>195</sup> Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 138.

<sup>196</sup> *Ibidem*.

<sup>197</sup> Cf. José Frazão CORREIA, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, p. 59.

<sup>198</sup> Cf. J. M. NÜTZEL, «γρηγορέω», in Horst BALZ e Gerhard SCHNEIDER (eds.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. I, ed. Sígueme, Salamanca 2005<sup>3a</sup>, pp. 800-801.

Getsémani, esta temática assume quase sempre um carácter exortativo nos textos do Novo Testamento.

O verbo γρηγορέω exprime, antes de mais e em sentido literal, *não dormir* ou *permanecer acordado*. No entanto, é possível apreender em sentido figurado uma concepção mais ampla: o de *permanecer vigilante*<sup>199</sup>. É precisamente este o sentido que encontramos em Mc 14,32-42: vigiar como atitude necessária de acordo com o contexto escatológico da morte de Cristo. É ainda digno de nota que dentro da estrutura mais ampla de Marcos «o tema da vigilância/vigília e os tópicos correspondentes de chegar, encontrar, dormir ocorreram anteriormente na parábola do porteiro»<sup>200</sup> (cf. Mc 13,33-37).

Apesar de ser comparável o triplo uso do verbo γρηγορέω nas duas passagens e de ser também evidente a correspondência entre o ir/vir de Jesus para junto dos discípulos – encontrando-os a dormir – e o homem da parábola que partiu de viagem e pode voltar a qualquer hora – não devendo encontrar os seus servos e o porteiro a dormir –, existe, no entanto, uma diferença fundamental entre as duas cenas. Em Mc 13,33-37, o apelo à vigilância contém uma forte e manifesta alusão à parusia; enquanto o relato de que nos ocupamos ao longo deste trabalho apresenta uma exortação à vigilância, mas envolve numa atmosfera de provação definitiva<sup>201</sup>.

Na perícopre estudada, Jesus faz um apelo muito concreto aos seus discípulos: «vigiai e orai» (Mc 14,38). De facto, «velar e orar constituem uma unidade indestrutível»<sup>202</sup> e indispensável para que a aproximação do Senhor não surpreenda ninguém. Esta exortação de Jesus remete também para «a história futura do cristianismo [pois] a sonolência dos discípulos permanece, ao longo dos séculos, a ocasião favorável

---

<sup>199</sup> Cf. J. M. NÜTZEL, «γρηγορέω», p. 801.

<sup>200</sup> Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, p. 48.

<sup>201</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 213.

<sup>202</sup> Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 303.

para o poder do mal»<sup>203</sup>. Somente através da oração constante é que o crente se abre à graça divina e se deixa moldar pela acção de Deus. Sem oração, ele deixa que se adormeça a sua salvação; apenas o permanecer em vigília lhe permite manter-se vigilante e aberto para os desafios da hora<sup>204</sup>. Ao contrário do que se poderia pensar, a oração não abstrai, antes desperta a atenção, conservar o discípulo vigilante para o “combate”, para a luta contra a tentação. O verdadeiro discípulo, na hora da provação ou da agonia, permanece vigilante, à semelhança de Cristo. Esta «vigilância do coração»<sup>205</sup> possibilita a perseverança no caminho e no seguimento do Mestre. A vigilância não permite que se caminhe “às cegas”, mas orienta a atenção para Cristo.

A exortação à vigilância presume que o discípulo «se encontra em constante perigo de fraquejar na sua completa entrega a Deus por meio de Jesus, e de se deixar cativar por coisas de escasso valor»<sup>206</sup>. Este perigo de se deixar “adormecer” no seguimento recto do Mestre tem origem num entorpecimento da alma, que não se alarma com a injustiça e o sofrimento que devastam o mundo, e que permite viver alienado de tudo isso, autocomprazendo-se na sua própria vida saturada<sup>207</sup>. Deste modo, a atitude de discípulo vigilante requer a relativização dos valores materiais e a opção de viver numa constante esperança libertadora e misericordiosa.

A ética e a espiritualidade da vigilância, tantas vezes associada exclusivamente à parusia, caracterizam-se assim também pela «atenção e cuidado pelo momento presente, particularmente importante nos momentos de crise ou desânimo»<sup>208</sup>. A atitude de vigilância não deve alienar o discípulo do tempo e lugar em que se situa, concentrando-

---

<sup>203</sup> Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 129.

<sup>204</sup> Cf. Joachim GNILKA, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, p. 306.

<sup>205</sup> IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, 2849, p. 689.

<sup>206</sup> J. M. NÜTZEL, «γρηγορέω», p. 802.

<sup>207</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, p. 129.

<sup>208</sup> Costante BROVETTO, «Vigilância», in AA.VV., *Christos – Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, p. 867.

se apenas nas realidades futuras que hão-de vir. Vigiar implica atenção ao mundo e à vida de cada dia, responsabilizando o crente pelas realidades que o rodeiam no imediato. O discípulo deve sustentar continuamente a sua existência e o mundo com uma atitude de «disponibilidade vigilante que se mantém aberta para Cristo que vem»<sup>209</sup> e que pressupõe sempre velar pelo mundo e pelas relações com os outros.

---

<sup>209</sup> Joseph RATZINGER, *Escatología. La muerte y la vida eterna*, ed. Herder, Barcelona 1980, p. 188.

## CONCLUSÃO

Explorar os caminhos de discipulado no Evangelho de Marcos configurou-se uma jornada exigente e árdua, devido às limitações e carências já expostas no preâmbulo deste trabalho de investigação. Não obstante, e conscientes de todas as lacunas existentes, podemos salientar a sempre surpreendente riqueza do texto bíblico, que nos permitiu mergulhar e descobrir diversas *nuances* presentes na perícopre de Mc 14,32-42 e, de um modo global, neste evangelho. De facto, o possível valor deste estudo reside em pôr a descoberto, através das histórias e da vida de Jesus e dos seus discípulos retratadas em Marcos, as veredas pelas quais podemos chegar à sua plena imitação.

Atingida a meta a que nos propusemos, parece-nos agora pertinente traçar alguns tópicos que servirão como recapitulação, síntese e conclusão deste nosso itinerário.

Uma das principais exigências de se trabalhar um relato bíblico é o distanciamento espaço-temporal e sociocultural que se impõe entre o redactor e o leitor e que obriga a um empenho por parte deste último em conhecer e aprofundar o contexto do relato. Foi precisamente essa necessidade de um enquadramento do conteúdo da perícopre e também da sua redacção que nos orientou na elaboração e desenvolvimento do primeiro capítulo. Embora sumária e concisa, esta parte inicial do nosso estudo permitiu-nos delinear a realidade histórica que perpassa toda a narração de Marcos. Dessa forma, ficou mais clara a génese da concepção judaica do messianismo à época de Jesus e as implicações para o entendimento da sua identidade por parte dos discípulos e por parte dos destinatários do evangelho marcano. É esta questão do messianismo e da identidade de Jesus Cristo que provoca a crise e o fracasso dos seus seguidores, que tanto tempo nos ocupa no presente trabalho.

Outra das exigências de uma investigação desta natureza em teologia bíblica é a necessidade de distanciamento crítico em relação ao texto, para quem se move num ambiente cristão onde é recorrente a leitura e escuta da Sagrada Escritura, uma vez que o nosso olhar sobre a narração pode já conter pré-conceitos ou interpretações muito viciadas. Deste modo, torna-se evidente a pertinência do nosso segundo capítulo, como instrumento que possibilita uma leitura e análise mais cuidada e crítica do relato em estudo. Para isso contribuiu o recurso ao texto primitivo em grego, a delimitação e estrutura narrativas ou ainda a análise literária dos seus vários elementos. Optamos também por encerrar o segundo capítulo com um compêndio e confronto dos cinco relatos – Mateus, Marcos, Lucas, João e Hebreus – da oração de Jesus no Getsémani, que nos permitiu evidenciar as características específicas do texto do evangelho de Marcos.

No terceiro e último capítulo, e partindo da temática da sonolência dos discípulos no Getsémani e do aparente retrato negativo que Marcos constrói desse grupo, começamos por nos aventurar pelo caminho por eles percorrido ao longo de todo o evangelho. A história e o papel dos discípulos na narrativa marcana, em contraste com o proceder e a vida de Jesus, foram o mote para a segunda parte deste capítulo, onde procuramos esboçar o perfil de um verdadeiro seguidor de Cristo. Neste ponto, focamos a nossa redação em três atitudes fundamentais para a imitação do Mestre, suscitadas pela sua postura durante o relato no Getsémani, a saber: a oração, a confiança e a vigilância.

Não foi nossa intenção com este trabalho denegrir a imagem do grupo dos discípulos ou ainda acentuar exageradamente os seus aspectos mais negativos e o seu fracasso. Atrevemo-nos, de alguma forma, a afirmar que este trabalho tem uma função

pedagógica, na medida em que pretende provocar inquietações a quem o ler sobre a questão do seguimento e encorajar aqueles que têm encontrado dificuldades no caminho cristão. Isto não constitui nenhuma novidade por si, pois o próprio evangelista tem esse objectivo presente quando descreve os discípulos de forma aparentemente negativa. Na pertinente ilustração de Ernest Best, «o fracasso deles [dos discípulos] em compreender é introduzido às vezes em ordem a permitir a Jesus dar mais e melhores instruções; o receio deles é mencionado em ordem a que Jesus lhes possa mostrar as fontes da calma e da coragem; o desejo deles por lugares de importância é realçado em ordem a que Jesus lhes possa ensinar sobre o sentido do serviço»<sup>210</sup>. Por conseguinte, o importante não é centrarmo-nos nos erros dos discípulos, mas na aprendizagem positiva que daí podemos retirar para uma melhor vivência cristã nos dias de hoje.

O retrato dos discípulos que Marcos leva a cabo, deixa-nos ainda duas notas que contradizem a tese de que o objectivo do evangelista era desconsiderar o lugar ocupado por eles na história de Jesus. Nas palavras finais dirigidas aos discípulos por Cristo no Getsémani – e que são também as últimas palavras que lhes dirige neste evangelho –, os imperativos «Levantai-vos! Vamos!» demonstram que apesar de tudo, Jesus continua a contar com eles ao seu lado e não ao lado dos pecadores em cujas mãos será entregue<sup>211</sup>. Também a promessa feita em Mc 14,28 e reiterada pelo jovem de túnica branca no túmulo em Mc 16,7 de que, após a ressurreição, Jesus haveria de preceder os discípulos a caminho da Galileia e ali eles O veriam mais uma vez, mostra a possibilidade de reabilitação no caminho do discipulado.

Mas o aspecto desafiante desta promessa é que, objectivamente, nunca conseguimos perceber pela redacção de Marcos, se ela chega a cumprir-se. É verdade que em Mc 16,9-20 surge o relato do encontro dos discípulos com Cristo Ressuscitado e

---

<sup>210</sup> Ernest BEST, «The role of the Disciples in Mark», p. 399.

<sup>211</sup> Cf. Raymond E. BROWN, *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, p. 277.

a narração da pregação pós-pascal encetada pelos discípulos; no entanto, sabemos pela exegese bíblica que se trata de um resumo das aparições pascais dos outros evangelhos, adicionado posteriormente para colmatar o final abrupto de Marcos.

Este final abrupto, que deixa a narração em aberto, é que se constitui um desafio para o leitor, pois «o resultado da história depende das decisões que a igreja, incluindo o leitor, ainda tem de tomar»<sup>212</sup>. De facto, o caminho do discipulado em Marcos não termina com o final do evangelho, mas continua na vida e no percurso de cada leitor, que decidirá as opções e o rumo a seguir.

Apesar das situações aparentemente diversas em que os cristãos de hoje vivem e que os discípulos e os destinatários do evangelho experimentaram, os caminhos de discipulado que Marcos nos ensina podem constituir-se como propostas válidas para a espiritualidade e para a pastoral da Igreja hodierna.

De facto, o próprio relato no Getsémani, que estudamos no decurso deste trabalho, «continuará a falar aos Cristãos e certamente aos seres humanos universalmente»<sup>213</sup>, devido ao seu enfoque na questão do sofrimento e do sacrifício, tão difícil de entender pelas estruturas e categorias humanas. Os cristãos que hoje são perseguidos, identificando-se com as dificuldades sentidas pelos discípulos em relação à Paixão e à necessidade de tomar a cruz e entregar a própria vida, compreendem «o que significa seguir um Messias que ora para não ter que passar pela aflição da morte, mas que aceita fielmente que se faça a vontade do seu Pai»<sup>214</sup>. Dessa forma, a questão da confiança filial abordada no último subcapítulo do nosso trabalho pode trazer pistas importantes para os cristãos nessa situação, que procuram um modelo a seguir no meio

---

<sup>212</sup> Robert C. TANNEHILL, «The Disciples in Mark: The Function of a Narrative Role», p. 404.

<sup>213</sup> Werner H. KELBER, *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, p. 58.

<sup>214</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 132.

da tribulação e da agonia. A atitude de Cristo que diante do medo e da angústia se volta para o Pai, confiado que Ele o escuta e atende, assemelha-se à atitude da pequena criança, ainda bebê, que pressente a mãe como presença segura e confiável<sup>215</sup>. Dele, os cristãos podem aprender a tratar Deus como *Abbá*, este Pai amoroso que é digno de confiança.

Mesmo para os cristãos que não vivam nenhuma situação de perseguição ou de constrangimento da fé, mas que se possam sentir em algum momento das suas vidas abandonados ou desprezados ou passem por alguma experiência de sofrimento e perda, a certeza de que Deus os acompanha pode ser cultivada através de um constante espírito de oração. Pela intimidade da oração, surge a relação filial que pode moldar a vida de cada crente e fazê-lo agir como Filho muito amado.

Assim como Jesus ensinou os seus discípulos a rezar, a Igreja também deve tomar para si a responsabilidade de orientar e proporcionar aos crentes o caminho para chegarem à intimidade com Deus. Mãe e Mestra, tem o dever de ensinar e amparar os seus filhos nesse percurso e garantir, através dos seus agentes pastorais, que o tratamento oferecido aos que se aproximam e dos quais se aproxima é um tratamento pessoal e misericordioso, como seria o do Pai.

Só do encontro pessoal e íntimo com o Pai na oração é que brota a atitude da vigilância, própria do discípulo que adopta um estilo de vida filial. Efectivamente, os cristãos das sociedades ocidentais olham para a questão do sofrimento e do sacrifício da própria vida de uma forma muito diferente da dos cristãos que sofrem perseguição e, portanto, a temática do discipulado tem para eles concepções e manifestações muito diferentes. O caminho discipular é, acima de tudo, «um convite a sair do nosso narcisismo complacente e a renovar a nossa vivência do seguimento, tendo muito

---

<sup>215</sup> Cf. Giovanni Cesare PAGGAZZI, «A experiência humana do medo», pp. 23-24.

presente que somos discípulos de um crucificado»<sup>216</sup>. Isto implica que o dar a vida se configura aqui como a entrega de si em favor de alguém ou de valores mais altos, numa atitude de constante vigilância, ou seja, de cuidado e responsabilidade, para com os outros e as realidades que o rodeiam. Nas palavras de José Frazão Correia, trata-se de

«não viver distraído nem disperso, mas atento ao dom de cada momento e à promessa quotidiana da existência; não acumular para si, mas partilhar com quem tem menos; não construir para si próprio, mas participar na construção do Reino (...). Quem assim vive, é em Deus que vive, vivendo para a vida de outros. Nos lugares onde habita já reconhece aquilo que não passará. No tempo, já saboreia o gozo da eternidade»<sup>217</sup>.

---

<sup>216</sup> Santiago GUIJARRO, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, p. 133.

<sup>217</sup> José Frazão CORREIA, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, p. 176.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes e instrumentos de apoio

ALAND, Kurt et al, *The Greek New Testament*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1993<sup>4ª</sup>.

FREIRE, António, *Gramática Grega*, ed. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 1997<sup>9ª</sup>.

*Bíblia de Jerusalém*, ed. Paulus, São Paulo (Brasil) 2010<sup>6ª</sup>.

*Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima 2009<sup>5ª</sup>.

PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, ed. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 1998<sup>8ª</sup>.

ZERWICK, Max e GROSVENOR, Mary, *Análisis Gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, ed. Verbo Divino, Estella 2008.

### Geral

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael e RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra 1992.

BALTHASAR, Hans Urs von, «Para uma teologia da oração cristã», in *Communio* II (1985), pp. 299-310.

BARBOUR, R. S., «Gethsemane in the Tradition of the Passion», in *New Testament Studies*, vol. 16 (1920), pp. 231-251.

BEST, Ernest, «The role of the Disciples in Mark», in *New Testament Studies*, vol. 23 (1977), pp. 377-401.

- BOFF, Leonardo, *Vida para além da morte. O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação*, ed. Vozes, Petrópolis 1978.
- BROVETTO, Costante, «Vigilância», in AA.VV., *Christos – Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, pp. 866-867.
- BROWN, Raymond E., *La muerte del Mesías. Desde Getsemani hasta el Sepulcro*, vol. I, ed. Verbo Divino, Navarra 2005.
- NEVES, Joaquim Carreira das, «A “Catequese” como chave hermenêutica dos Evangelhos Sinópticos», in *Didaskalia*, vol. XXVIII (1998), pp. 93-136.
- CASCIANO, José María et al, *Sagrada Biblia – Comentario*, ed. Universidad de Navarra, Pamplona 2010.
- CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Ecclesia Lumen Gentium*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 57 (1965), pp. 5-67, seguindo a edição portuguesa CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática A Igreja*, ed. Apostolado da Oração, Braga 1987<sup>10ª</sup>, pp. 57-116.
- COUTO, D. António, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, ed. Paulus, Lisboa 2015.
- COUTTS, John, «The Authority of Jesus and the twelve in Sto. Mark’s Gospel», in *Journal of Theological Studies* 8 (1957), pp. 111-118.
- DELORME, Jean, *L’heureuse annonce selon Marc. Lecture intégrale du 2<sup>e</sup> évangile*, vol. II, ed. Cerf/MédiasPaul, Paris/Montréal 2008.
- ELIADE, Mircea, *História das Ideias e Crenças Religiosas*, vol. II, ed. Rés-Editora, Porto s/d.

- CORREIA, José Frazão, «A experiência da fé como reconfiguração da confiança existencial», in VARANDA, Isabel e TEIXEIRA, Alfredo (coord.), “*Não tenhais medo*”. *A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, pp. 113-139.
- CORREIA, José Frazão, *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, ed. Paulinas, Prior Velho 2013.
- CORREIA, José Frazão, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, ed. Paulinas, Prior Velho 2014.
- GALIZZI, Mario, *Evangelio según Marcos*, ed. San Pablo, Madrid 2007.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Marta, «O tempo de cura: eis o pavor (Jr 14,19). Medo e Salvação», in VARANDA, Isabel, e TEIXEIRA, Alfredo (coord.), “*Não tenhais medo*”. *A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, pp. 41-70.
- GNILKA, Joachim, *El evangelio según San Marcos (Mc 8,27-16,20)*, vol. II, ed. Sígueme, Salamanca 2001<sup>4a</sup>.
- GONÇALVES, Francolino J., «Jerusalém» in CHORÃO, João Bigotte (dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XVI, ed. Verbo, Lisboa 2000, pp. 727-736.
- GUIJARRO OPORTO, Santiago, «“Vete detrás de mí, Satanás”. Exégesis y traducción de Mc 8,33c (par. Mt 16,23b)», in *Salmanticensis* 58 (2011), pp. 7-18.
- GUIJARRO OPORTO, Santiago, «La composición del evangelio de Marcos», in *Salmanticensis* 53 (2006), pp. 5-33.
- GUIJARRO, Santiago, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, ed. Sígueme, Salamanca 2015.

- HEIL, J. P., «Mark 14.1-52: Narrative Structure and Reader-Response», in *Biblica* 71 (1990), pp. 305-332.
- HERTZBERG, Arthur, *Le judaïsme*, coleção *Les Grandes Religions du Monde*, vol. V, ed. Garnier Frères, Genebra (Suíça) s/d.
- IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1999.
- KASPER, Walter, *Jesus, El Cristo*, ed. Sígueme, Salamanca 1982<sup>4ª</sup>.
- KELBER, Werner H., *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, ed. Fortress Press, Philadelphia 1976.
- LENTZEN-DEIS, Fritzeo, *Evangelho de Marcos. Modelo de Nova Evangelização*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1997.
- LOURENÇO, João Duarte, *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*, ed. Universidade Católica, s/l 2008.
- LOURENÇO, João Duarte, *História e Profecia: o mundo dos profetas bíblicos*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2007.
- LOURENÇO, João Duarte, *O mundo judaico em que Jesus viveu. Cultura Judaica do Novo Testamento*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2005.
- MAGGIONI, Bruno, *Los relatos evangélicos de la Pasión*, ed. Sígueme, Salamanca 1997.
- MARGUERAT, Daniel e BOURQUIN, Yvan, *Cómo leer los relatos bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, ed. Sal Terrae, Santander 2000.
- MARTINEZ, Ernest R., *La sequela di Gesù Cristo nel Vangelo secondo Marco*, ed. Pontificia Università Gregoriana, Roma 2000<sup>2ª</sup>.

- MARTINS, António, «Desafiados por Deus na liberdade e na confiança», in VARANDA, Isabel e TEIXEIRA, Alfredo (coord.), “*Não tenhais medo*”. *A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, pp. 93-111.
- MEYNET, Roland, *Passion de notre Seigneur Jésus Christ (selon les évangiles synoptiques)*, ed. CERF, Paris 1993.
- NÜTZEL, J. M., «γρηγορέω», in BALZ, Horst e SCHNEIDER, Gerhard (eds.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. I, ed. Sígueme, Salamanca 2005<sup>3a</sup>, pp. 800-802.
- PAGGAZZI, Giovanni Cesare, «A experiência humana do medo», in VARANDA, Isabel e TEIXEIRA, Alfredo (coord.), “*Não tenhais medo*”. *A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*, Coleção Fátima Estudos, vol. 7, ed. Santuário de Fátima, Fátima 2014, pp. 23-40.
- PAINTER, John, «When is a House not a Home? Disciples and family in Mark 3.13-35», in *New Testament Studies*, vol. 45 (1999), pp. 498-513.
- PIKAZA, Xabier, *Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1996.
- RATZINGER, Joseph, *Escatología. La muerte y la vida eterna*, ed. Herder, Barcelona 1980.
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo – Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, ed. Princípios, Cascais 2005.
- RATZINGER, Joseph, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, ed. Princípios, Cascais 2011.
- ROPS, Daniel, *A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus*, ed. Livros do Brasil, Lisboa s/d.

- SÁNCHEZ MIELGO, Gerardo, *Claves para leer los evangelios sinópticos*, ed. San Esteban-Edibesa, Salamanca – Madrid 2001<sup>2a</sup>.
- SCHENK, W., «Γεθημαίνι», in BALZ, Horst e SCHNEIDER, Gerhard (eds.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. I, ed. Sígueme, Salamanca 2005<sup>3a</sup>, pp. 722-723.
- SCHMID, Josef, *El Evangelio según San Marcos*, ed. Herder, Barcelona 1967.
- SEGALLA, Giuseppe, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, ed. Queriniana, Brescia 1996<sup>4a</sup>.
- SEQUERI, Pierangelo, *Teología Fundamental. La idea de la fe*, ed. Sígueme, Salamanca 2007.
- TANNEHILL, Robert C., «The Disciples in Mark: The Function of a Narrative Role», in *Journal of Religion* 57 (1977), pp. 386-405.
- TAVARES, António Augusto, «Judeia» in CHORÃO, João Bigotte (dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XVI, ed. Verbo, Lisboa 2000, col. 1049-1050.
- TAYLOR, Vincent, *The Gospel according to St. Mark*, ed. Macmillan St. Martin's Press, London 1969<sup>2a</sup>.
- TYSON, Joseph B., «The Blindness of the Disciples in Mark», in *Journal of Biblical Literature* 80 (1961), pp. 261-268.
- WILLIAMS, Joel F., «Discipleship and Minor characters in Mark's Gospel», in *Bibliotheca Sacra* 153 (1996), pp. 332-343.